

PAULA DREYER ORTMANN

POR UM ESTUDO ARGUMENTATIVO DA NARRATIVA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre, pelo programa Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Orientadora: Prof. Dra. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PAULA DREYER ORTMANN

POR UM ESTUDO ARGUMENTATIVO DA NARRATIVA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 15 de janeiro de 2010

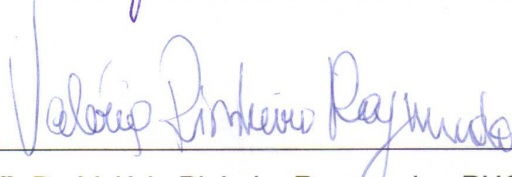
BANCA EXAMINADORA:



Prof^a. Dr. Leci Borges Barbisan - PUCRS



Prof^a. Dr. Tânia Maris de Azevedo - UCS



Prof^a. Dr. Valéria Pinheiro Raymundo - PUCRS

*Dedico este trabalho aos profissionais que buscam
fazer a diferença no Ensino.*

AGRADECIMENTOS

PRESENTE DE DEUS

Compositor Maninho

Há quem diga que é só passageiro

Mas é certo que momentos ficam na memória de quem vive assim

agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e ao CNPq pela bolsa de estudos.

Eu sei e digo que pessoas sempre deixam seu pedaço de amor aqui

agradeço à Professora Leci Borges Barbisan.

É Deus que aparece num abraço

É Deus que se derrama nesse espaço que eu sempre terei

agradeço aos amigos do Núcleo de Estudos do Discurso da PUCRS.

Há quem diga que é só passageiro

Mas é certo que momentos ficam na memória de quem vive assim

Eu sei e digo que pessoas sempre deixam seu pedaço de amor aqui

agradeço aos meus pais, Paulo e Alba, às minhas irmãs Flávia e Bruna, aos meus cunhados Daniel e Fernanda, aos meus sogros, Ornélio e Neda e aos meus padrinhos Sérgio, Sandra e Arnaldo.

É Deus que aparece num abraço

agradeço, em especial, à minha sogra, Neda, pelos apoios incansáveis durante todo o meu mestrado.

É Deus que se derrama nesse espaço que eu terei para sempre

agradeço, às amigas: Juliana Grunhauser, Giovana Fraga, Carol Skolaude, Norma Ramos, Liciane Martins, Claudia Telles, Débora Borba Roque Souza.

Esse presente de Deus, num abraço, num sorriso que vem

E eu terei para sempre esse presente de Deus, num abraço, num sorriso que vem de você.

agradeço ao meu amor, Maurício Sant'Anna do Reis.



(QUINO, 2003, p. 64)

RESUMO

A proposta deste trabalho é estudar como a Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot e seus colaboradores, pode explicar a seqüência narrativa. Dessa forma, buscou-se descrever o sentido construído em discursos que à primeira vista não são considerados argumentativos, como os narrativos. Para tanto, foram analisados cinco narrativas pela Semântica Argumentativa, mais especificamente pela Teoria dos Blocos Semânticos, que através da construção de blocos revela o sentido do discurso. Optou-se por essa abordagem teórica, porque a essa concepção, de base estruturalista e enunciativa, analisa a natureza da linguagem, ao considerar que a sua função é, antes de tudo, a de argumentar.

Palavras-chave: Semântica Argumentativa. Blocos Semânticos. Discurso. Narrativa.

RÉSUMÉ

Ce travail se propose d'étudier comme la Sémantique Argumentative, créée par Oswald Ducrot et ses collaborateurs, peut expliquer la séquence narrative. De cette façon, nous avons mené décrire le sens construit en discours qui, à la première vue, ne sont pas considérés argumentatifs, comme les discours narratifs. Cinq narratives avons analysé à partir de la Sémantique Argumentative, plus spécifiquement, à partir de la Théorie des Blocs Sémantiques (TBS), à travers la construction des blocs qui révèlent le sens du discours. Nous avons opté par cette approche théorique, pourquoi cette conception, de base structuraliste et énonciative, analyse la nature de la langage, en considérant que sa fonction est, avant tout, argumenter.

Mots-Clés: Sémantique Argumentative. Blocs Sémantiques. Discours. Récit.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Modelo Narrativo	23
Quadro 2 - Blocos Semânticos	37
Quadro 3 - Quadrado Argumentativo do Bloco Semântico 1	38
Quadro 4 - Quadrado Argumentativo do Bloco Semântico 2	38
Quadro 5 - Quadrado Argumentativo do Bloco Semântico que relaciona inventar histórias e obter resultado ruim.....	49
Quadro 6 - Quadrado Argumentativo do Bloco Semântico que relaciona país organizado, sem crime, sem fome, sem injustiça, sem conflitos e ser aborrecido	63
Quadro 7 - Estrutura do discurso ‘A incapacidade de ser verdadeiro’	71
Quadro 8 - Estrutura do discurso ‘Uma história de Dom Quixote’	73
Quadro 9 - Estrutura do discurso ‘Meus dois pedidos’	72
Quadro 10 - Estrutura do discurso ‘Tragédia brasileira’	74

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DC – *Donc*

PT – *Pourtant*

neg – negação

AI – Argumentação Interna

AE – Argumentação Externa

TBS – Teoria dos Blocos Semânticos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 ALICERCES EPISTEMOLÓGICOS: O ESTRUTURALISMO LINGÜÍSTICO E A ENUNCIACÃO.....	13
2.2 ABORDAGENS TEÓRICAS DA NARRATIVA ESTRUTURAL.....	20
2.3 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA.....	27
2.3.1 As hipóteses externas e internas da Semântica Argumentativa	28
2.3.2 A Teoria Polifônica da Enunciação	34
2.3.3 A Teoria dos Blocos Semânticos	35
2.3.4 A polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos	40
2.3.5 A relação entre semântica e pragmática para a Semântica Argumentativa	43
3 METODOLOGIA E ANÁLISE	45
3.1 ANÁLISE 1	47
3.2 ANÁLISE 2	52
3.3 ANÁLISE 3	60
3.4 ANÁLISE 4	66
3.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	69
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80
ANEXO A – A incapacidade de ser verdadeiro	85
ANEXO B – Uma história de Dom Quixote	86
ANEXO C – Meus dois pedidos	88
ANEXO D – Tragédia brasileira	89
CURRICULUM LATTES (Plataforma Lattes – CNPq)	90

1 INTRODUÇÃO

Com esta dissertação objetiva-se estudar como a Semântica Argumentativa pode explicar o discurso predominantemente narrativo. A motivação desta pesquisa tem a sua origem em uma entrevista realizada por Alonso e Olmos (1992, p. 69) com o lingüista Oswald Ducrot. Ao ser questionado sobre as noções que nortearam e que norteiam o seu trabalho, Ducrot, entre outras coisas, disse “o que me interessa é encontrar a argumentação em um sentido muito amplo dentro de textos que à primeira vista não parecem ser textos argumentativos”¹.

Essa maneira de conceber a universalidade dos textos como essencialmente argumentativo, oriunda da própria Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot e seus colaboradores (1983, 1990, 2005)², que afirma que a argumentação está na língua, suscitou a pesquisa desta dissertação. Para tanto, primeiramente, pensou-se em focalizar textos que não são definidos como argumentativos. Contudo, essa delimitação de *corpus*, em virtude da sua vastidão, poderia prejudicar a pesquisa, porque abarcar o todo pode levar a dispersão dos resultados, o que, conseqüentemente, pode tornar o trabalho superficial, uma vez que, ter-se-ia pouquíssimas amostras para se discutir de cada modalidade de discurso.

Diante da necessidade de uma maior delimitação do foco de análise, optou-se pelo texto que apresenta em sua predominância a estrutura narrativa. Essa escolha justifica-se pelo espaço expressivo que a narrativa ocupa no cotidiano da humanidade. Das mais simples às mais complexas das narrativas, todas são inerentes às relações humanas. Ao

¹ Trata-se de tradução livre, por isso segue a transcrição da pergunta dos entrevistadores e da resposta de Ducrot da versão original em francês: *Quelles sont les questions sur lesquelles vous avez travaillé? Sur lesquelles travaillez-vous actuellement? Les questions sur lesquelles j'ai travaillé et sur lesquelles je reviendrais peut-être un jour, c'est essentiellement la question de la présupposition, celle des sous-entendus et celle des actes de langage. J'ai actuellement un peu abandonné ces questions et mon problème actuel c'est celui de l'argumentation. J'essaie, d'une part, d'étudier les textes argumentatifs, au sens banal du terme, c'est-à-dire des textes dont l'auteur essaie de démontrer, de justifier quelque chose. Et également, et même surtout, les textes où l'argumentation n'est pas visible, où il ne s'agit pas de prouver quelque chose à quelqu'un, mais où l'argumentation est sous-jacente, par exemple, pour reprendre ce que j'ai dit auparavant, la réponse "c'est loin" à la proposition d'aller quelque part à pied. **Ce qui m'intéresse, c'est de retrouver cette argumentation en un sens très large à l'intérieur de textes qui à première vue n'apparaissent pas être des textes argumentatifs.*** (Alonso e Olmos, 1992, p. 69) [grifou-se].

² Esses anos são referentes aos momentos mais relevantes das teorias inscritas na Semântica Argumentativa: o livro, publicado em 1983, *L'argumentation dans la langue*, de Anscombe e Ducrot, que marca o início da Teoria da Argumentação na Língua; a Teoria da Polifonia publicada em 1990, de Ducrot; a Teoria dos Blocos Semânticos, de Marion Carel e Ducrot, de 2005. Outros estudos da Semântica Argumentativa também foram utilizados nesse trabalho, porém considerou-se suficiente para a introdução apresentar apenas esses.

contar e ler histórias o homem tanto significa o mundo em que vive como estabelece o convívio com o outro.

Tendo em vista que se pretende estudar a narrativa pela perspectiva da Argumentação Lingüística, faz-se necessário apresentar, em linhas gerais, a sua definição. Para tanto, é imprescindível que se busque nos estudos acerca da narrativa um conceito que a concebe de modo compatível com o campo de investigação da Semântica Argumentativa. Isso porque seria um disparate teórico propor, por exemplo, uma pesquisa fundamentada na construção do sentido argumentativo no e pelo lingüístico e cotejá-la a um conceito de narrativa que se centra no sujeito empírico como o leitor ou o escritor. Por isso, optou-se pela noção de narrativa formulada por Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b), pois se alicerça nas mesmas epistemologias que embasam a Semântica Argumentativa: as perspectivas estruturalista e enunciativa da linguagem, e, assim, observa como a estrutura da narrativa se organiza.

Dessa forma, apresenta-se no capítulo que contempla a fundamentação teórica, primeiramente, considerações acerca das noções da lingüística estruturalista e da enunciação, pois essas embasam os modelos narrativos de Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) e da Semântica Argumentativa. Acredita-se ser necessário expor nesse capítulo os conceitos mais relevantes dessas perspectivas lingüísticas, porque o modo como esses são lidos pelos teóricos já citados amparam as concepções de linguagem que fundamentam esta pesquisa.

Após, realiza-se, nesse mesmo capítulo, um estudo das questões relativas à noção de narrativa tradicional, no que diz respeito às concepções teóricas de Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) e de Adam (1992, 2008), para que tais perspectivas auxiliem na compreensão do quem vem a ser uma narrativa e como essa se estrutura. Ainda, nessa parte do capítulo, aborda-se o estudo de Adam (1992, 2008) acerca da narrativa, pois esse trabalho organiza as pesquisas de Todorov e, também, a sua visão sobre organização discursiva heterogênea, porque dessa formulação vem a noção de seqüência narrativa e de texto predominantemente narrativo. Desse modo, nesta dissertação, quando são utilizados os termos narrativa e/ou discurso narrativo entende-se como um discurso predominantemente narrativo.

Por fim, são abordados, nesse capítulo, os pressupostos teóricos da Semântica Argumentativa, focalizando as suas hipóteses externas e internas, a perspectiva polifônica

da linguagem e a Teoria dos Blocos Semânticos. Essa concepção permite compreender o discurso como um todo de interdependências semânticas. Assim, acredita-se ser possível vislumbrar a natureza da linguagem e valorizar a sua essência ao explorar-se as unidades lingüísticas que, em relação umas com as outras, formam uma combinação geradora de sentido argumentativo.

No terceiro capítulo, constrói-se uma metodologia, embasada na Semântica Argumentativa, para a análise dos discursos que compõem o *corpus* dessa pesquisa. Após as análises, esboça-se um paralelo com a finalidade de discutir os resultados obtidos. E, no último capítulo, são apresentadas as considerações finais provenientes das reflexões teóricas e práticas da noção de narrativa pela Semântica Argumentativa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O principal objetivo desta seção é traçar um percurso que permita compreender como a narrativa pode ser explicada teoricamente pela Semântica Argumentativa. Para tanto, primeiramente aborda-se o conceito tradicional da narrativa, focalizando a sua noção de estrutura. Conjuntamente, apresenta-se a perspectiva de Adam (1992, 2008), porque evidencia a importância de se olhar para o texto como um todo composto por seqüências textuais diferentes. Após isso, são trazidos os conceitos relativos à Semântica Argumentativa, com a finalidade de delimitar um modo argumentativo de conceber a narrativa. Contudo, como já mencionado na introdução, tendo em vista que tanto as noções acerca da narrativa de Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) quanto às concepções da Semântica Argumentativa são vinculadas aos principais conceitos do estruturalismo lingüístico definidos por Saussure (2006), e às noções basilares da perspectiva enunciativa da linguagem desenvolvidas por Benveniste (1989; 2005), primeiramente são abordadas tais perceptivas.

2.1 ALICERCES EPISTEMOLÓGICOS: O ESTRUTURALISMO LINGÜÍSTICO E A ENUNCIÇÃO

Os estudiosos da linguagem do século XIX preocupavam-se, primordialmente, com as abordagens histórica e comparativista das línguas. O objetivo central dos filólogos da época era, portanto, compreender a filiação do sânscrito, do grego e do latim à língua indo-européia. O fundamento teórico que conduzia as investigações acerca da linguagem no século XIX era a crença na desorganização progressiva das línguas sob a influência das leis fonéticas, sujeitas por sua vez à atividade de comunicação. Conforme Ducrot (1995), no Novo dicionário enciclopédico das ciências da linguagem, no verbete saussurianismo, foi em reação a esse cenário que Saussure se inscreveu³.

³ Nas palavras de Ducrot (1995 p.29): “La pratique comparatiste avait pour fondement théorique la croyance à la désorganisation progressive des langues sous l’influence des lois phonétiques, elles-mêmes liées à l’activité

Com o propósito de conferir aos estudos da linguagem o status de ciência autônoma, Saussure (2006) procurou definir um objeto de estudos propriamente lingüístico. O que motivou a busca de Saussure por um objeto de pesquisa bem determinado foi a concepção de ciência, que preconiza que, para uma investigação tornar-se ciência, não é preciso que se pesquise indiscriminadamente todos os fenômenos observáveis do campo de investigação, mas que se construa o seu objeto.

Coerente com os seus princípios que visavam a necessidade de se estabelecer embasamentos sólidos para a condução dos estudos lingüísticos, Saussure, além de instituir um objeto próprio para a lingüística, delimitou uma metodologia adequada às novas concepções de lingüística, que se pretendia como ciência rigorosa e sistemática. Para tanto, Saussure agrega a noção de estrutura aos estudos lingüísticos, estabelecendo que o termo estrutura é o todo sistematizado em partes, que apresentam, por sua vez, dependência recíproca uma em função da outra. Dessa forma, o teórico abandona a concepção de que os dados da língua se constituem isoladamente, e afirma que esses dados são definidos em relação uns aos outros, e a partir desses preceitos Saussure estabelece a metodologia dos estudos lingüísticos alicerçados no princípio de dualidade, como a dicotomia língua e fala.

Na busca pelo objeto da lingüística, Saussure (2006, p. 15) procura responder à questão: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Lingüística?”. Essa questão norteadora é importante porque especifica o interesse de Saussure por um objeto que seja integral por constituir-se em um “todo em si mesmo” como um sistema fechado que comporta o saber próprio da área de investigação, e que seja concreto por ser um princípio de classificação facilitando a compreensão da matéria.

Por conceber a linguagem como um todo composto por duas partes distintas e inseparáveis, um lado individual (a fala) e um lado social (a língua), que a caracteriza por ser ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução, Saussure diz que a linguagem não pode ser o objeto da lingüística, pois o seu caráter dual permite que ocorram alterações em sua natureza básica. Segundo o teórico, se a linguagem fosse o objeto da lingüística ela conferiria aos estudos lingüísticos um aglomerado confuso de coisas

de communication. Cette thèse, qui autorise à lire en filigrane, dans l'état présent, la grammaire de l'état passé permet en effet d'identifier, pour les comparer, des éléments grammaticaux anciens avec des éléments de l'état ultérieur, même si ceux-ci ont un statut grammatical apparemment fort différent. C'est justement ce que Saussure met en question”.

heteróclitas, sem liame entre si, o que poderia levar a ciências como a Psicologia, a Antropologia e outras requerem a linguagem como um de seus objetos.

No entanto, Saussure vê nas características que conferem à linguagem uma essência dual a possibilidade de encontrar o objeto da lingüística. Se a linguagem não pode ser o objeto dos estudos lingüísticos por ser constituída de duas partes de naturezas distintas, a parte da linguagem que se particulariza por ser social, coletiva e convencional, e por isso suscetível de estabelecer uma definição autônoma, pode ser o objeto integral e concreto que Saussure busca. Assim, de acordo com esse raciocínio saussuriano, a língua é o objeto da lingüística, cabendo à outra parte da linguagem, a fala, constituir o conjunto de dados observáveis, ou seja, constituir a matéria do campo de investigação da lingüística⁴.

Saussure (2006, p. 17) estabelece uma importante distinção metodológica ao diferenciar o objeto da lingüística do conjunto de fenômenos observáveis, ou seja, ao diferenciar a língua da fala. O teórico recorre à língua para ser o objeto da lingüística, porque atende a duas condições que são necessárias para se instituir um objeto científico, quais sejam “um todo por si e um princípio de classificação”. Assim, a define como um “produto social da faculdade da linguagem” e acrescenta que a “reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação”. Essas características constitutivas da língua a configuram como objeto da lingüística, porque permitem uma definição autônoma, fornecendo o suporte necessário para a constituição de uma ciência.

Apesar de a língua ter recebido toda a hegemonia nos estudos lingüísticos, Saussure (2006, p. 22) não discrimina a fala e reserva o seu espaço na lingüística, porque língua e fala constituem as duas partes de um todo, sendo uma dependente da outra. A fala é, portanto, “um ato individual de vontade e inteligência”. Dessa forma, a fala contempla, dentro do fenômeno da linguagem, o ato de vontade dos indivíduos.

⁴ Essa concepção dos estudos de Saussure encontra-se em Ducrot (1995, p.245): “Une recherche empirique ne devient science que lorsqu’elle se décide à “construire” son objet; au lieu d’accueillir pêle-mêle tous les phénomènes observables dans un certain champ d’investigation, elle élabore elle même les concepts à l’aide desquels elle interroge l’expérience. Saussure est sans doute un des premiers à avoir, dans le *Cours de linguistique générale* (chap. 3 et 4 de l’«Introduction») explicité, pour la linguistique, la nécessité d’accomplir ce que Kant appelle une «révolution copernicienne». Il distingue en effet la **matière** de la linguistique, autrement dit le champ d’investigation du linguiste, qui comprend l’ensemble des phénomènes liés, de près ou de loin, à l’utilisation du langage, et son **objet**, c’est-à-dire le secteur, ou l’aspect, de ces phénomènes sur lequel le linguiste doit centrer son étude [...]. L’objet, Saussure l’appelle la **langue**; la matière, ce sont les phénomènes de **parole**”.

A distinção entre os conceitos de língua e de fala saussurianos revela o caráter opositivo e relacional da metodologia que conduz as pesquisas da lingüística estrutural. Apesar de opor o objeto da lingüística de sua matéria, Saussure (2006, p 27) afirma que:

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes.

Na perspectiva saussuriana, língua e fala estabelecem dependência mútua: não existe uma lingüística da língua sem uma lingüística da fala, ou seja, uma não existe sem a outra. A partir desse princípio saussuriano, a lingüística configura um objeto sistemático e passível de classificação para fins de ciência, sem excluir os aspectos da fala, sem que se afaste das contribuições dos usuários da língua, fonte de dados para as suas investigações.

Para Saussure (2006), língua é compreendida como um sistema⁵ de signos. Esse princípio embasa o pensamento estruturalista, porque redireciona os estudos da lingüística ao formular a realidade intrínseca da língua. Ao evidenciar a natureza do sistema lingüístico, Saussure (2006, p 80) afirma que o signo é uma combinação de duas entidades psíquicas, abstratas e inseparáveis: o significado (conceito), e o significante (impressão psíquica do som ou imagem acústica). De forma mais detalhada, nas palavras do lingüista:

O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.

A definição saussuriana de signo o compreende, através da análise em significado e significante, como uma entidade psíquica de duas faces intimamente unidas, na qual uma reclama a outra. A essa noção da relação entre as unidades do signo lingüístico, Saussure (2006, p 81) acrescenta que “o laço que une o significado e o significante é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo é arbitrário*”.

⁵ Segundo Ducrot (1995), Saussure chama de sistema a organização inerente à língua, enquanto os seus sucessores chamam de estrutura.

Segundo Saussure (2006), as diferenças entre as línguas são um dos argumentos que sustentam o princípio da arbitrariedade. Para analisar a efetividade da característica arbitrária do signo lingüístico, é considerada a palavra francesa *boeuf*, cujo significado é *boeuf* (boi) e o significante é *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e do outro lado é *o-k-s* (Ochs). No entanto, Saussure observa que a noção de arbitrariedade exprime a idéia de que a relação entre o significante e o significado é imotivada, de modo que não se configura a partir de algum laço natural com a realidade. Os princípios saussurianos língua/fala e signo lingüístico subjazem à epistemologia da lingüística estruturalista consolidando-se nos pressupostos da Teoria do Valor Lingüístico.

Ao estabelecer a natureza do signo, através da Teoria do Valor Lingüístico, Saussure (2006) elucida a sua concepção de língua como um sistema de signos. O teórico congrega na expressão ‘sistema de signos’ o modo como os signos se relacionam uns com os outros e o modo como se constituem a partir dessa relação. Para Saussure (2006), tudo na língua se processa através do estabelecimento de relações e de diferenças entre os termos lingüísticos. Isso ocorre de duas formas distintas: através das relações sintagmáticas (eixo das combinações) e das relações paradigmáticas (eixo das associações).

Na esfera das relações sintagmáticas, os signos estabelecem entre si relações baseadas no caráter linear da língua alinhando-se um após outro na cadeia da fala. A partir da constatação do funcionamento estrutural da língua, Saussure (2006) entende que, num sintagma, um termo só adquire seu valor ao se opor ao elemento que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. Dessa forma, a noção de relação entre os signos estabelece um importante jogo de combinação entre as palavras que constituem o sentido do enunciado.

Porém, para a esfera das relações paradigmáticas, Saussure (2006, p. 143) afirma que: “as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas”. Assim, através de associações possíveis pode-se, por exemplo, unir num mesmo grupo palavras como: ensino, instrução, aprendizagem, educação. Essa possibilidade associativa ocorre, para Saussure (2006), no tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo.

Assim, a Teoria do Valor Lingüístico tem papel fundamental no desenvolvimento do pensamento saussuriano, porque evidencia duas noções fundamentais da natureza da língua. A primeira é o princípio da arbitrariedade que define que o que une o significado ao significante não é motivado pela realidade extralingüística. Se não fosse assim, segundo

Saussure (2006, p. 132): “a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora”. A segunda é o princípio da relação, que postula que a essência do signo se constitui na oposição com outros signos. Assim, para Saussure (2006, p. 133), a língua é um sistema, no qual “todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outro”.

Como se percebe, os princípios saussurianos de arbitrariedade e de relação implicam o entendimento não-referencial da língua, porque o signo estabelece o seu valor nas relações possíveis dentro do sistema lingüístico, e não em relação à realidade. Sendo assim, se constitui independentemente da ordem extralingüística, o que outorga autonomia à língua, conforme Saussure (2006, p. 31): “A língua é um sistema que conhece somente sua própria ordem”.

Situado dentre os estruturalistas, Benveniste (1989, 2005) amplia o pensamento saussuriano ao agregar aos estudos lingüísticos a perspectiva da linguagem em uso. A proposta semântica desse teórico, que tem como ponto de partida a reflexão acerca da distinção entre a língua e a fala, passa pela noção de forma e sentido e chega no seu principal conceito: a enunciação.

Assim, para reconstruir o trajeto de Benveniste (1989, 2005), primeiramente, apresenta-se como o teórico lê os conceitos de língua e de fala saussuriano para formar as concepções de forma e de sentido na linguagem. Partindo da noção da língua como forma, Benveniste (2005), alicerçado no método estruturalista de segmentação e substituição, chega ao limite do nível inferior: o merisma, que se caracteriza por ser integrante, ou seja, quando se relaciona a outros elementos da língua constitui um nível superior, e ao limite do nível superior, a frase, que se constitui por seus integrantes, ou seja, é o resultado da relação entre as suas unidades menores. No intermediário desses níveis encontra-se o signo que pode, por um lado, ser integrante e, por outro, ter constituintes.

É pela relação entre constituintes e integrantes que Benveniste (2005, pp. 135-136) define a noção de forma e de sentido na linguagem:

A *forma* de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior.
O *sentido* de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior.

Forma e sentido articulam-se para constituir a significação na linguagem. Com essa noção, Benveniste (1989, pp. 223-224) contextualiza a raiz da questão da significação, da relação entre signos. Nessa mesma perspectiva, para o teórico, a linguagem, antes de tudo, serve para significar: “Que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dado por acréscimo, ou, numa medida mais ampla, por outra atividade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria mais nada”.

A partir dessa confrontação entre forma e sentido e da idéia de significação, Benveniste (2005, p. 139) chega ao objeto de sua teoria: o discurso. Isso porque a frase, fruto das relações entre as palavras, é a própria linguagem em ação. De acordo, com o teórico: “[...] se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso”.

Assim, chega-se às idéias relativas ao aparelho formal da enunciação proposto por Benveniste (1989), pois o sentido, advindo da organização entre as palavras que o sujeito põe em cena, é particularizado no ato da enunciação. Das percepções acerca da língua em uso, da constituição do sentido e do individualizar a língua pelo sujeito, Benveniste (1989, p. 82) conceitualiza a enunciação como: “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. É na enunciação que o locutor, ao apropriar-se da língua, confere sentido ao discurso. Isso ocorre porque ao enunciar-se, o locutor, ao mesmo tempo que se marca, implanta o outro no seu discurso, integrando a noção de pessoa (a relação ‘eu-tu’). Essa inter-relação dual e indissolúvel confere à enunciação o caráter intersubjetivo. Durante a enunciação há também o ele, a não-pessoa, que consiste em ‘o que’ ou ‘em quem’ se fala. Essa noção de pessoa da enunciação constitui um centro de referência interna do discurso. Entretanto, não são apenas essas noções que participam desse conceito. Quando o sujeito apropria-se da linguagem e enuncia-se, ele estabelece também as noções de espaço e de tempo. O espaço da enunciação é o ‘aqui’ e o tempo é o ‘agora’.

As concepções de linguagem estruturalista e enunciativa se concretizam e recebem valor basilar nos conceitos estabelecidos por Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b), Adam (1992, 2008) e Ducrot (1983, 1990, 2005). É importante ressaltar que essas epistemologias são compreendidas de formas distintas por esses teóricos. No quadro da noção tradicional de narrativa, o que se percebe é que Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a,

1979b) encontra no estruturalismo e na enunciação soluções metodológicas para as suas pesquisas, de modo que as aplica, para os estudos literários, assim como são entendidas por seus pensadores. Porém, na Semântica Argumentativa o procedimento é diferente, tanto que o que é significativo para essa concepção de linguagem são as formas como os conceitos de língua/fala e relações sintagmáticas/paradigmáticas são lidos e ampliados para as formulações das noções de instrução e de relação, no que tange ao estruturalismo, e das noções de sujeito e polifonia, com relação à enunciação.

Com o propósito de edificar um estudo acerca do discurso narrativo, apresenta-se a seguir o conceito de narrativa formulado por Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) e organizado por Adam (1992, 2008). Para essa dissertação, essa noção de narrativa é dominada como tradicional, pois se acredita que, após a abordagem da Semântica Argumentativa, será possível ampliá-la à definição de uma narrativa que se constitui acima de tudo como argumentativa.

2.2 ABORDAGENS TEÓRICAS DA NARRATIVA ESTRUTURAL

O contar e o ler histórias são tão imbricados no dia-a-dia da humanidade, que a narrativa participa dos mais diversos gêneros discursivos, como o romance, a epopéia, a novela, o conto, a crônica, a fábula, a parábola, a lenda, o mito, a história em quadrinhos, a canção, a anedota, a conversação, entre outros. Considerando que são inúmeras as histórias do mundo, Barthes (1976, p. 19) ressalta que:

[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e freqüentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens cultura diferente, e mesmo oposta [...].

A inegável presença da narrativa na sociedade instigou o seu estudo. Tanto que, segundo Abrioux (1998), já em Aristóteles e Platão encontram-se as primeiras definições acerca do modo narrativo. Desde então, muitos teóricos debruçaram-se sobre os estudos acerca do narrar focalizando os seus diferentes aspectos.

Foram os teóricos estruturalistas que conferiram cientificidade aos estudos acerca da narrativa, tanto que o termo narratologia foi proposto por Tzvetan Todorov, em 1969, no texto *Grammaire du Décaméron*, com o propósito de designar a ciência do relato. Entretanto, o grande obstáculo para a pesquisa da narrativa é a infinidade de seu campo. Para Todorov (1973), uma dificuldade pontual é como encontrar uma estrutura comum diante da pluralidade das narrativas. Diante dessa questão, o teórico aproximou tal problemática metodológica das questões enfrentadas por Saussure, que, mesmo com o heteróclito da linguagem sistematizou a lingüística, conferindo-lhe um objeto e um método.

A aproximação com a lingüística estrutural faz Todorov (1976, p. 209), percebendo a importância de que um objeto seja constituído para a sistematização de uma ciência, propor a poética como a ciência do discurso literário, de modo que esse é o seu objeto: “Estuda-se não a obra, mas as virtualidades do discurso literário, que o tornaram possível: é assim que os estudos literários poderão tornar-se uma ciência da literatura”.

Para estudar a narrativa sob essa perspectiva, Todorov (1976), ancorado nos estudos de Benveniste, estabelece que a obra literária é ao mesmo tempo relativa à história e ao discurso. Dessa forma, o teórico explicita que a narrativa é história na medida em que evoca a percepção de fatos e de acontecimentos da vida real ou do mundo fictício, porém é também discurso, porque, através da narrativa tem-se um ‘eu’, um ser de fala, que faz com que os fatos sejam conhecidos. Com isso, Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) estuda a narrativa na perspectiva benvenistiana do aparelho formal da enunciação. Assim, para o teórico, o processo narrativo é composto por um ‘eu’, aquele que fala; por um ‘tu’, aquele com quem se fala; e por um ‘ele’, aquele de quem ou de que se fala. Essas concepções conduzem à noção de ‘visão’ ou de ‘ponto de vista’.

Essas noções de ‘visão’ ou ‘ponto de vista’ constituem, para Todorov (1973, p. 286), um aspecto importante do discurso literário, porque, segundo ele, a narrativa é percebida através do ponto de vista pelo qual o locutor narra os acontecimentos e como esses acontecimentos são percebidos pelo leitor virtual: “Lendo uma obra de ficção, não temos uma percepção direta dos acontecimentos que descreve. Ao mesmo tempo que estes acontecimentos, percebemos, embora de uma maneira diferente, a percepção que dele possui aquele que os narra”.

Embasado nas perspectivas estruturalistas e enunciativas desenvolvidas pela lingüística, Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) em seu estudo acerca do discurso

literário procura identificar as leis, que ao mesmo tempo são comuns e gerais, das estruturas de diferentes narrativas. Contudo, Todorov (1973) não concebe a noção de estrutura como um fim em si mesmo, pois a sua importância está em, a partir da sua forma, ancorar literalidade, ou seja, sentido. Desse modo, o teórico, em sua pesquisa, busca descobrir as estruturas que estão subjacentes a toda narrativa com vistas à construção da literalidade individual de cada discurso. Essa relação é explicada por Todorov (1979a p. 21 e 22) da seguinte forma:

A narrativa se constitui na tensão de duas forças. Uma é a mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da “vida” (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela procura dar-lhe um sentido, introduzir uma ordem. Essa ordem se traduz pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros. A narrativa nunca obedece a uma *ou* a outra força, mas se constitui na tensão das duas.

Essa noção de como a natureza da narrativa constitui-se, resulta da relação entre a concepção estrutural da linguagem, que objetiva descrever a estrutura da língua, e da concepção enunciativa, que coloca no cerne da pesquisa lingüística a noção de subjetividade. Assim, entende-se que há duas forças. A primeira busca a ordem exprime as regularidades fazendo de determinado discurso uma narrativa. Enquanto que a outra busca a mudança refletindo a individualidade do ‘eu’ e tornando a narrativa original e única.

A proposta de Todorov (1973) é, considerando a perspectiva enunciativa, estruturar uma gramática, a partir da descrição dos aspectos comuns das narrativas denominadas intrigas. Para tanto, o teórico construiu dois conceitos: o de proposição, que constitui a unidade mínima do discurso e corresponde a uma ação da narrativa, e o de seqüência, que se forma através do agrupamento de proposições e imprime a noção de acabamento das ações da narrativa.

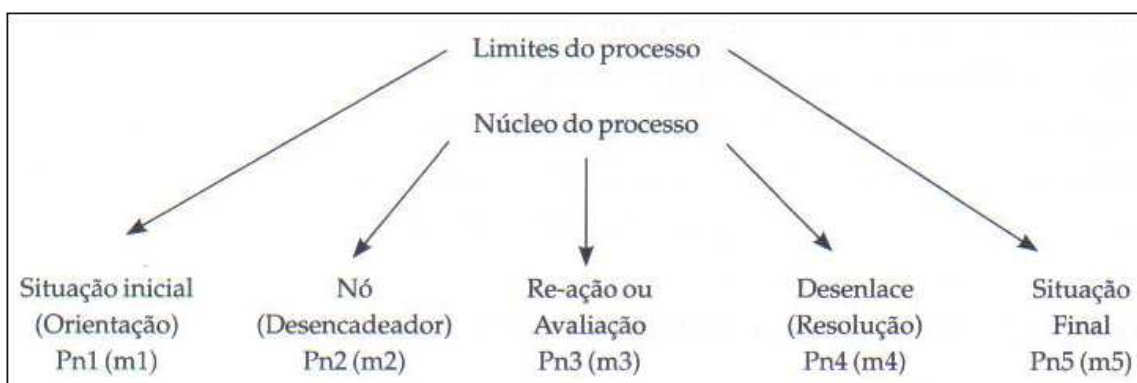
De acordo com Todorov (1979b), a narrativa tem como objeto primordial a relação de ações correlatas que levam ao desenrolar da trama. Por isso, a seqüência narrativa é o resultado da concatenação de proposições. Nesse sentido, uma narrativa ideal apresenta proposições que se estabelecem na tensão entre estados de equilíbrio e de desequilíbrio. Assim, a seqüência narrativa inicia com uma situação estável que passa a ser perturbada por uma força que a desequilibra. Nesse novo estado, outra força age. Por exemplo, uma ação

de superação de obstáculos, restabelecendo o equilíbrio. No entanto, com relação a esses dois momentos de equilíbrio, Todorov (1979b, p. 124) ressalta que “o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos”.

Para Todorov (1979a, p. 162), a narrativa mínima ou elementar comporta pelo menos dois tipos de episódios distintos: “os que descrevem um estado de equilíbrio ou de desequilíbrio e os que descrevem a passagem de um a outro”. Além disso, para o teórico, há ainda narrativas que comportam um esquema de cinco proposições, no entanto a presença de digressões ou de outras narrativas intercaladas dificulta o seu reconhecimento.

As relações entre as proposições da seqüência narrativa são estudadas por Todorov (1973) a partir de três ordens, quais sejam: temporal, causal, espacial. Segundo ele, essas relações intra-sequenciais, que conferem coerência à história, são construídas e conseqüentemente identificadas por critérios semânticos.

O modelo narrativo construído por Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) foi reorganizado por Adam (1992, 2008), a partir do seguinte quadro ilustrativo:



Quadro 1 – Modelo Narrativo
Fonte: ADAM, Jean-Michel. (2008, p. 225)

Para Adam (2008), a estrutura da narrativa caracteriza-se pela exposição de fatos formalizados como eventos, que se organiza sem a presença de um agente, ou ações, que ao contrário do anterior é marcada pela intervenção de um agente na mudança. Assim, Adam (2008) propõe que uma narrativa apresenta alto grau de narrativização quando a sua trama é constituída por cinco (5) proposições: situação inicial (antes do processo), nó (início do processo), re-avaliação ou avaliação (o curso do processo), desenlace (fim do processo) e situação final (depois do processo).

As diferentes formas de construção de uma narrativa são relativas aos seus graus de narrativização. De modo que uma organização com cinco proposições (Pn1 + Pn2 + Pn3 + Pn4 + Pn5) consiste no mais alto grau, enquanto um baixo grau é a simples enumeração de ações. Um exemplo de baixo grau da narrativa é a narração de uma partida de futebol.

A estrutura da seqüência narrativa pode ser tanto homogênea, quando for composta por outras seqüências narrativas, quanto heterogênea, devido a composições de inserção ou de dominância, por exemplo [seq. narrativa [seq. descritiva] seq. narrativa]. Essa concepção de organização heterogênea da narrativa vem da noção explorada pelo próprio Adam (1992, 2008) de que os textos são de natureza heterogênea.

Assim, fundamentado na proposta de Bakhtin, o teórico parte da definição de gêneros primários⁶ como protótipos elementares para propor reflexões acerca das unidades mínimas de composição textual. Com isso, ele propõe que as formas discursivas elaboradas e complexas são fruto das possíveis combinações entre as unidades discursivas básicas. Somado a isso, para estabelecer o seu conceito de texto, Adam (1992, 2008) contesta a concepção de texto de Werlich, pois considera que o estudo do texto não pode ser generalizado a ponto de evidenciar apenas um único tipo de organização textual. Dessa forma, o seu modelo teórico contempla o estudo dos tipos lingüísticos menores, ou seja, o estudo de seqüências textuais que, articuladas, organizam o todo do texto. Com isso, o teórico focaliza as esferas mais lingüísticas da textualidade, porque analisa as estruturas elementares como a seqüência narrativa, que, por exemplo, se encontra na base da epopéia, da fábula, dos romances e das notícias jornalísticas.

A perspectiva teórica de Adam (1992, p. 34) sugere que um texto seja entendido como uma “estrutura hierárquica complexa compreendendo *n* seqüências – elípticas ou completas – de mesmo tipo ou de tipos diferentes”. Assim, o autor estuda o discurso a partir de sua complexidade tipológica e considera a heterogeneidade organizacional a principal característica constitutiva dos textos de qualquer gênero discursivo.

Para esse teórico, a heterogeneidade textual pode ser analisada com ajuda de duas noções: de inserção de seqüências e de dominância seqüencial. A inserção de seqüências pode ser evidenciada nos casos, os quais são encontrados uma seqüência inserida em outra

⁶ Para Bakhtin (2003), os gêneros primários referem-se às práticas discursivas particularizadas que se concretizam no cotidiano, compreendido por textos caracterizados pela simplicidade estilística como os diálogos do dia-a-dia.

de tipo distinto, por exemplo, o seguinte esquema: [seq. Argumentativa [seq. Narrativa] seq. Argumentativa]. A estrutura seqüencial dominante caracteriza-se por ter uma seqüência predominante, assim podem estruturas narrativas organizarem-se com conectores argumentativos.

As seqüências, para Adam (1992, 2008), são unidades textuais complexas constituídas por blocos de proposições (enunciados), que são formados a partir de microproposições e que formam uma macroproposição. Para Adam (2008), as macroproposições são ligadas a outras dentro da seqüência para constituir sentido. Por isso, conforme Adam (2008, p. 204), “cada macroproposição adquire seu sentido em relação às outras, na unidade hierárquica complexa da seqüência”.

As diferentes combinações possíveis entre as proposições em uma macroproposição resultam em diferentes seqüências textuais. Primeiramente, Adam (1992) descreveu sete modalidades de seqüências (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal, injuntiva-instrucional e poético-autotélica), que, após, foram reduzidas para cinco. Em Adam (2008), as modalidades apresentadas são narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. Como a seqüência narrativa já foi explorada, serão sintetizadas a seguir apenas as demais.

A estrutura descritiva, segundo Adam (2008, p. 215), tem “uma frágil caracterização seqüencial”, porque, ao contrário das outras modalidades seqüenciais, a estrutura descritiva não se organiza em torno de macroproposições ligadas entre si. A seqüencialidade descritiva é constituída por quatro macrooperações, ou seja, por quatro procedimentos descritivos, quais sejam: tematização, aspectualização, relação, expansão por subtematização.

A macrooperação principal é a tematização, pois confere unidade a um segmento descritivo, servindo como uma espécie de tema-título para a descrição. O segundo procedimento descritivo é a macrooperação referente à aspectualização, que consiste analisar o todo descritivo em partes e subpartes para, assim, evidenciar as propriedades descritas. A terceira macrooperação é a relação que se caracteriza por estabelecer analogias entre o que é descrito com outros objetos, lugares, situações, etc. Por fim, o quarto procedimento descritivo é a expansão por subtematização. Essa macrooperação consiste no acréscimo de qualquer outra macrooperação por infinitas vezes.

Para Adam (1992, 2008), a seqüência argumentativa consiste na relação entre tese anterior e dados (fatos) que pode, devido às estratégias argumentativas, levar a uma nova tese. Para que essa seqüência seja completa, segundo o teórico, deve-se deixar espaço para a contra-argumentação. A ordem dessa seqüência não é obrigatoriamente linear, pois, por exemplo, pode a nova tese ser apresentada no início e ao final retomada, ou então podem a tese anterior e os apoios estarem subentendidos. Para Adam (1992, 2008), a seqüência argumentativa comporta dois níveis: o justificativo e dialógico ou contra-argumentativo. Essa concepção de argumentação caracteriza-se pela tentativa de convencimento do interlocutor e por permitir a esse contra-argumentar.

No texto científico é facilmente observada a seqüencialidade explicativo-expositiva. Para Adam (1992, 2008), essa estrutura organiza-se em torno de três macroproposições. A primeira é introduzida por um *por que?* interrogativo, a segunda pelo *porque* introdutório de resposta e a terceira apresenta uma ratificação. Frequentemente, essa modalidade de seqüência inicia com uma descrição do objeto.

Assim como a seqüencialidade descritiva, para Adam (2008), a seqüencialidade diálogo-conversação apresenta características muito particulares, pois abrange situações enunciativas distintas, contemplando a oralidade (conversa oral) e a escrita (diálogos teatrais, romanescos, cinematográficos, de histórias em quadrinhos ou de entrevistas). Por mais que a seqüência diálogo-conversação escrita busque a imitação da oralidade, segundo o teórico, jamais será confundida com a oralidade autêntica, porque as especificidades constituintes dessas modalidades são distintas. Para Adam (2008), a estrutura dialogal organiza-se em torno de seqüências fáticas de abertura e de fechamento como em um jogo de pingue-pongue.

A superestrutura da seqüência injuntivo-instrucional caracteriza-se por apresentar macroproposições organizadas cronologicamente, por exemplo: a receita culinária. O núcleo central dessa seqüência estrutura-se a partir dos estados de partida e de saída. Assim, ainda no exemplo da receita culinária, a lista dos ingredientes é o estado de partida, as instruções injuntivas que ensinam a cozinhar é o núcleo seqüência, enquanto o resultado é o estado de chegada. A seqüência poético-autotélica relaciona-se com as estruturas artísticas, como o poema, a prosa, a música, o *slogan* publicitário, os provérbios, etc.

Em síntese, as propostas de Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) e Adam (1992, 2008) percebem a narrativa a partir da exposição de acontecimentos, que se

organizam em torno de uma situação de equilíbrio que, por alguma força, cai em desequilíbrio e após uma ação de superação tem uma nova situação de equilíbrio. Essa definição pode ser entendida como uma noção tradicional da narrativa. Isso porque é uma das concepções de narrativa mais difundida dentre as pesquisas, porém esse não é o principal motivo que leva a considerá-la tradicional. Tem-se essa noção de narrativa como tradicional, porque se acredita que tal conceito pode ser inovado e repensado a partir dos pressupostos da Semântica Argumentativa. Para tanto, a concepção de linguagem e os conceitos que constituem a Semântica Argumentativa são apresentados a seguir.

2.3 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

A Semântica Argumentativa, através da Teoria da Argumentação na Língua, pensada primeiramente por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe (1983) e em sua fase atual denominada Teoria dos Blocos Semânticos, sistematizada por Marion Carel e Ducrot (2005), assume que a argumentação é intrínseca ao lingüístico. Por isso, compreende que a descrição semântica do sentido de um discurso deve ser construída através das relações que as palavras ou os enunciados estabelecem entre si.

Ao abordar a argumentação como essência da língua, a Semântica Argumentativa, conseqüentemente, opõe-se à concepção tradicional de argumentação, na qual os fatos extralingüísticos são os que motivam a conclusão de um argumento. Segundo Ducrot (1990), uma das razões que demonstra a inviabilidade de a argumentação ser independente da língua é a possibilidade de enunciados diferentes designarem o mesmo fato do mesmo contexto e, no entanto, as argumentações possíveis, a partir desses enunciados, serem completamente diferentes. Como se pode observar nos exemplos abaixo:

- (1) A estratégia de Sherazade foi pouco audaz.
- (2) A estratégia de Sherazade foi um pouco audaz.

Ambos enunciados descrevem o mesmo fato: a estratégia de Sherazade foi audaz. O que, pela visão tradicional de argumentação, evidencia que se (1) é verdadeiro (2) também

necessariamente o será. Todavia, através da análise lingüística dos enunciados pode-se perceber que a argumentação autoriza conclusões diferentes. Tanto que em (1) é possível concluir que *portanto fracassou*, enquanto que em (2) conclui-se *portanto obteve algum êxito*.

Com isso, Ducrot (1990) afirma que a argumentação está inscrita no lingüístico e não nos fatos. Desse modo que o objetivo da Semântica Argumentativa é descrever o sentido do enunciado a partir das conclusões por ele evocadas. Essa concepção percebe a língua como autônoma em si mesma, ou seja, não parte de recursos extralingüísticos para a construção do sentido.

Para constituir a sua concepção de linguagem, a Semântica Argumentativa é edificada sobre os princípios do estruturalismo saussuriano e da Teoria da Enunciação benvenistiana, que funcionam como hipóteses externas, participando do processo da pesquisa científica e guiando a elaboração da teoria. Segundo Ducrot (1980, 1987), as hipóteses externas não mudam com a evolução da pesquisa, pois são relativas à observação empírica do fenômeno. A partir de suas hipóteses externas, Ducrot (1980, 1987) constrói as hipóteses internas, que são formulações dos conceitos teóricos com a finalidade de explicar o fenômeno lingüístico observado.

2.3.1 As hipóteses externas e internas da Semântica Argumentativa

Para estabelecer a etimologia que alicerça a sua concepção de linguagem, Ducrot (1980) expande para os estudos lingüísticos um postulado do físico Pierre Duhem (apud Ducrot 1980, p.20) que afirma que “os fatos de hoje são as teorias de ontem”⁷. Por isso, compreender as hipóteses externas que guiam a observação do fenômeno é um importante auxílio na compreensão das construções teóricas. Dentro da perspectiva da Semântica Argumentativa, a afirmação de Duhem encontra assento, pois as perspectivas da concepção da argumentação na língua constituem-se a partir de como Ducrot (1980, 1987) lê e amplia

⁷ Tradução do original: “Les faits d’aujourd’hui sont les théories d’hier.”

os conceitos estruturalistas de Saussure e os conceitos enunciativos de Benveniste que funcionam como hipótese externa de sua perspectiva teórica.

Dentre as noções do estruturalismo lingüístico, os conceitos de língua e fala, de signo e de relações sintagmáticas e paradigmáticas são os mais significativos na elaboração da Semântica Argumentativa. Apesar de constituírem naturezas distintas, língua e fala não podem ser estudadas separadamente, porque, segundo Saussure, são interdependentes, de modo que não existe língua sem fala, nem fala sem língua, ou nas palavras de Ducrot (1987, p.63): “uma lingüística da língua é impossível se não for também uma lingüística da fala”. Ao estabelecer a oposição distintiva entre língua e fala, Saussure faz um paralelo, estreitando essa relação a partir da concepção do que são, em termos lingüísticos, uma manifestação sistemática (língua) e uma manifestação subjetiva (fala) da linguagem. Para Ducrot (1987), essa correspondência, entre um elemento sistemático e outro subjetivo, é estabelecida nos conceitos utilizados em sua teoria para definir frase, texto, enunciado e discurso.

Desse modo, para Ducrot (1987) o que é passível de sistematização da linguagem revela-se na frase e no texto entendidos como construtos teóricos, ou seja, entidades lingüísticas abstratas puramente teóricas que se constituem num conjunto de instruções que subjazem ao uso. Já a esfera subjetiva da linguagem constitui os conceitos de enunciado e de discurso que referem ao que foi dito ou escrito. Além disso, para Ducrot (1987), as frases/textos e os enunciados/discursos têm valores semânticos distintos, uma vez que as frases/textos constituem uma significação enquanto os enunciados/discursos constituem um sentido. Assim, devido à sua correspondência com o enunciado, o sentido se dá no uso, enquanto a significação, por se relacionar a um construto teórico, traz em seu conceito reflexões necessárias para se compreender a noção de instrução na Semântica Lingüística de Ducrot (1980, 1987).

No primeiro capítulo, Análise de textos e lingüística da enunciação⁸, do seu livro, *Les mots du discours*, publicado em 1980, Ducrot tece algumas reflexões acerca da relação existente entre análise de texto e lingüística, estabelecendo que não é possível uma sem a outra, de modo que a lingüística que pode servir à análise de textos é somente uma lingüística que se serve da análise de textos. Ao apresentar essa relação, Ducrot (1980)

⁸ Título original do capítulo em francês: *Analyse de textes et linguistique de l'énonciation*.

também apresenta a forma como lê os conceitos de língua e de fala saussurianos, ao passo que é possível aproximar a concepção de análise de textos da fala saussuriana, por serem referentes ao uso individual e aproximar a concepção de lingüística da língua saussuriana, por constituírem uma teorização do uso. Ao explorar a reciprocidade entre lingüística e análise de textos, Ducrot (1980) faz uma interessante comparação com a noção de instrução, porque a mesma idéia de vai-e-vem que se configura entre análise de textos e lingüística, também se configura entre significação e sentido na noção de instrução.

Para Ducrot (1980), a noção de instrução consiste em atribuir um valor semântico, uma significação a determinada frase. Esse valor que é concedido à frase não se constitui em uma regra imposta ao uso, que conseqüentemente limitaria as possibilidades de sentido desse uso. Constitui-se, na verdade, em um conjunto de instruções descritas a partir do uso que configuram o valor da significação da frase, que por sua vez permite ao uso interpretar os sentidos dos enunciados. Desse modo, a descrição semântica de um enunciado justifica-se, porque permite calcular o sentido de um enunciado em situações de uso.

Assim, é no cerne das relações – língua e fala, frase e enunciado, significação e sentido – que Ducrot (1980) estabelece a noção de instrução, um importante princípio de sua teoria, uma vez que percebe nas frases instruções que permitem calcular as suas possíveis significações, que possibilitam a compreensão do funcionamento da língua e que direcionam a construção do sentido do enunciado.

Para demonstrar isso, Ducrot (1980) utiliza a noção de conector. Para o teórico, os conectores estabelecem relação entre duas entidades semânticas como é o caso do *mas*. Por isso, elas não podem ser descritas isoladamente, apenas em estruturas como, por exemplo, *P mas Q*. O conector *mas* tem valor de oposição. Para explicar isso, Ducrot (1980) estabelece distinção entre os segmentos ligados pelo conector, sendo X e Y proposições gramaticais que precedem ou seguem (X + conector + Y) e P e Q entidades semânticas articuladas pelo mesmo conector. A significação não indica a natureza das entidades semânticas, porque isso é dependente da situação particularizada de uso. O que elas indicam é que o locutor vê oposição entre as entidades semânticas ligadas pelo conector, nesse caso o *mas*. Dessa forma, a instrução contida na significação pede que o interpretante procure duas entidades semânticas P e Q ligadas mais ou menos diretamente a X ou a Y e que podem ter entre elas a relação que o conector implica. Essa característica generalizante

da instrução permite que sejam autorizados diferentes sentidos possíveis para o enunciado, contudo esses sentidos não podem se distanciar da instrução.

Para ilustrar a explicação de Ducrot (1980), consideram-se as frases do tipo *P mas Q* que têm a instrução “busque no enunciado um argumento que deve ser contrário a outro, e tire uma conclusão a partir do segundo”. Assim, como se pode ver no enunciado *Robin Hood roubava os ricos (X), mas dava aos pobres (Y)*, do segmento Y chega-se a P e conclui-se, por exemplo, o crime de Robin Hood, enquanto, do segmento X chega-se a Q e conclui-se o altruísmo de Robin Hood. Nesse sentido, a instrução de frases *P mas Q* pede que a conclusão seja a partir de Y. Em *Robin Hood roubava os ricos, mas dava aos pobres* entende-se o seu altruísmo.

No que concerne à vinculação da Semântica Argumentativa ao estruturalismo lingüístico, pode-se afirmar que a relação que Saussure estabelece entre língua e fala é lida por Ducrot (1980) como a relação de reciprocidade entre sistema e uso, ou melhor, entre frase e enunciado, como no exemplo de Ducrot (1980) da relação entre lingüística e análise de texto.

Além da concepção de língua e fala, outros conceitos estruturalistas também são lidos por Ducrot (1980, 1987, 1990) para pensar a Semântica Argumentativa. No anexo de um de seus livros, o próprio Ducrot (1990, pp. 182-183), ao falar de sua admiração por Saussure, admite que os princípios de língua e fala e de relação estão na base da semântica argumentativa:

O princípio saussuriano que me é mais útil e que trato de respeitar através de todo meu trabalho é a oposição: língua, vista como objeto teórico construído, e fala, vista como um conjunto de dados observáveis. [...] Outro tema saussuriano muito importante para mim, é a idéia segundo a qual na língua somente existem relações, a relação preexiste ao fim. Essa idéia – bastante misteriosa, é preciso reconhecer, está na base da teoria da argumentação.⁹

Para a Semântica Argumentativa, o sentido de um enunciado é construído a partir da sua relação com os outros enunciados no discurso, assim sendo quando separadas não têm sentido completo. Desse modo, a expressão *faz calor* somente tem sentido se relacionada a

⁹ Conforme o original em espanhol: “El principio saussuriano que me ha sido más útil y que trato de respetar a través de todo mi trabajo es la oposición: *lengua*, vista como objeto teórico construído, y *habla*, vista como un conjunto de datos observables. [...] Otro tema saussuriano muy importante para mí, es la idea según la cual en la lengua solo existen relaciones, la relación preexiste al término. Esta idea – bastante misteriosa, hay que reconocerlo – está a la base de teoría de la argumentación”. (1990, pp. 182-183)

uma conclusão, por exemplo, *Faz calor, vamos passear?*. Dessa forma, tem-se um argumento e uma conclusão, que, relacionados, constituem o sentido de calor como convidativo para um passeio. No entanto, se o mesmo argumento *faz calor* é relacionado à outra conclusão *vamos ficar em casa?*, é possível observar que o sentido de *faz calor* mudou completamente, tornando-se, nesse caso, um convite para permanecer em casa. Diante desses exemplos, pode-se perceber que uma mesma expressão pode ter sentidos diferentes dependendo da sua relação com as outras expressões do discurso. É esse princípio que fundamenta a orientação metodológica da descrição semântica na língua, pois é a partir da noção de relação que se constrói e que se descreve o sentido do enunciado.

Ao ampliar os conceitos saussurianos, Ducrot (1980, 1987) apresenta uma perspectiva da natureza da linguagem que confere autonomia à língua, sem que haja relação com a realidade, tanto que a afirmação primeira da Semântica Lingüística é que a argumentação é constitutiva da língua. As noções de instrução e de relação também se configuram na forma como Ducrot (1980, 1987) analisa e redimensiona os conceitos saussurianos. De modo que para a noção de instrução, Ducrot (1980, 1987) considera a oposição língua e fala, porém acrescenta as concepções necessárias para unir o uso às construções teóricas, numa relação na qual o sistema serve ao uso e o uso serve ao sistema. Já para a noção de relação, Ducrot (1980, 1987) estendeu os conceitos da teoria do valor, que visavam à relação entre signos, para compreender a construção do sentido a partir das relações entre frases e enunciados.

Além do estruturalismo saussuriano, a Teoria da Enunciação de Benveniste também funciona como hipótese externa da Semântica Argumentativa. Contudo, assim como faz com os conceitos saussurianos, ao formular as hipóteses internas da sua teoria, o que Ducrot (1980, 1987) assume é a sua leitura própria dos estudos acerca da enunciação.

Por considerar, dentre seus princípios fundamentais, os fenômenos da enunciação, a Semântica Argumentativa é vista como uma teoria enunciativa. Conforme Flores e Teixeira (2005, p. 63), Ducrot foi diretamente influenciado pelas perspectivas da abordagem enunciativa de Benveniste “em especial no que tange à filosofia analítica, à vinculação do estudo da linguagem ao quadro saussuriano e à enunciação”. A Semântica Argumentativa inscreve-se como teoria enunciativa por ocupar-se da linguagem em uso e da análise do sujeito a partir de suas marcas no discurso.

Entretanto, apesar da incontestável filiação da Semântica Argumentativa à Teoria da Enunciação de Benveniste, o conceito de enunciação assumido por Ducrot (1980, 1987) na elaboração de sua teoria é distinto do conceito de Benveniste. Conforme Barbisan (2006, p. 25):

Justifica-se a aproximação e a distinção entre as teorias criadas por Émile Benveniste e Oswald Ducrot, quanto ao conceito de enunciação, pelo fato de que ambos partem de conceitos saussurianos que, modificados, ampliados, ressignificados, resultam na afirmação de abordagens distintas do uso da linguagem, focalizando, conseqüentemente diferentes objetos de análise, chegando assim a conceituações próprias da enunciação.

Desse modo, pode-se concluir que o conceito de enunciação que Ducrot apresenta como hipótese externa de seu trabalho é a sua leitura da noção de enunciação. Na concepção de Ducrot (1980), a enunciação não é entendida como na perspectiva de Benveniste que diz que a enunciação é o ato de apropriação do aparelho formal da língua por um locutor que se enuncia por meio de marcas lingüísticas. Para Ducrot (1980), a enunciação é vista como o surgimento do enunciado. Esse conceito tem uma função semântica, pois o sentido de um enunciado é a descrição da imagem da sua enunciação. Assim, para Ducrot (1980), o dito denuncia o dizer. O teórico justifica a enunciação como inscrita na língua com a análise do enunciado: *A terra é redonda*. O sentido desse enunciado apresenta a sua enunciação como afirmação da forma redonda da terra. Assim, compreender esse enunciado é perceber que uma asserção oriunda da enunciação é feita.

No capítulo Esboço de uma teoria polifônica da enunciação de seu livro *O dizer e o Dito*, de 1987, Ducrot (1987, p. 16) contesta a unicidade do sujeito falante ao defender a possibilidade de, em um mesmo enunciado, estarem “presentes vários sujeitos com status lingüísticos diferentes”.

Ducrot (1987) faz uma leitura muito própria da enunciação, tanto que, ao redirecionar a perspectiva enunciativa de Benveniste, incorpora ao seu conceito a essência polifônica e argumentativa da linguagem. Isso porque, ao afirmar que o sentido de um enunciado representa a sua enunciação, evidencia as suas características inscritas na língua, e também, ao contestar a unicidade do sujeito falante, entende o conceito de polifonia da linguagem (aprofundado no item a seguir), que compreende o sentido do enunciado como resultado da confrontação entre as diferentes vozes contidas nele.

2.3.2 A Teoria Polifônica da Enunciação

Ao considerar os subsídios teóricos acerca da enunciação de lingüistas como Charles Bally e Mikhail Bakhtin, Ducrot (1987, 1990) formulou o conceito de polifonia da linguagem. Para explorar essa perspectiva da teoria polifônica da enunciação, Ducrot (1987, 1990) define os personagens da enunciação: sujeito empírico, locutor, alocutário e enunciadores.

De acordo com Ducrot (1987, p. 17), o sujeito empírico é o produtor físico do enunciado, enquanto o locutor e o alocutário são os seres abstratos da enunciação, marcados pelas categorias de pessoa, espaço e tempo na língua. Assim, o locutor é “a pessoa a quem se atribui a responsabilidade da enunciação, no próprio enunciado” e o alocutário é a quem a enunciação é endereçada. Apesar de quase sempre acontecer de o locutor coincidir com o sujeito empírico resultando no mesmo sujeito da enunciação, essa sobreposição não é o foco de uma semântica que se propõe lingüística. Já os enunciadores são os seres responsáveis pelos pontos de vista implícitos no sentido do enunciado, segundo Ducrot (1990, p. 20), “não são pessoas, mas sim pontos de perspectivas abstratos”¹⁰.

A partir da concepção de enunciadores, Ducrot (1990) estabelece a noção de polifonia na linguagem. A noção de polifonia na linguagem resulta na compreensão de que a construção do sentido do enunciado é o resultado do confronto das diferentes vozes contidas no enunciado. De modo que, segundo Ducrot (1990), para se interpretar um discurso, primeiro deve-se evidenciar a pluralidade de vozes nele contida e após analisar a atitude do locutor em relação aos enunciadores.

Para Ducrot (1980), um exemplo de polifonia é o enunciado negativo (não-p), pois se pode perceber claramente a polifonia contida no enunciado, uma vez que permite expressar, ao mesmo tempo, duas vozes contrárias, ou seja, dois enunciadores: um positivo e outro negativo. Por exemplo, no enunciado: *A estratégia de Sherazade não foi audaz*, pode-se evidenciar o enunciador positivo: *A estratégia de Sherazade foi audaz*, e o

¹⁰ Conforme, o original em Ducrot (1990, p. 20): “No son personas sino ‘puntos de perspectiva abstratos’”.

enunciador negativo, o que explicita que o locutor recusa o ponto de vista *A estratégia de Sherazade foi audaz*. A abordagem polifônica da língua proposta por Ducrot (1980) é explicativa da natureza da linguagem, porque evidencia que o sentido de um enunciado também é construído a partir da análise da pluralidade de vozes diferentes das do locutor. Dessa forma, para Ducrot (1980), a polifonia está na língua e não fora dela.

2.3.3 A Teoria dos Blocos Semânticos

Considerando que a semântica argumentativa tem como objetivo mostrar que a argumentação está inscrita na língua, ou seja, que a argumentação é constitutiva da língua, Ducrot e Carel, em 2005, desenvolveram a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) que é a fase mais atual da Semântica Lingüística. Segundo Ducrot (2005, p. 13): “A idéia central da teoria é que o próprio sentido de uma expressão é dado pelos discursos argumentativos que podem encadear-se a partir dessa expressão”¹¹.

Para Ducrot (2005), a argumentação não se agrega ao sentido, ela constitui o sentido, tanto que a TBS é formalizada a partir de encadeamentos argumentativos, cujos sentidos são estabelecidos na relação entre dois segmentos unidos por um conector (X conector Y). Para expressar a relação normativa, construção de uma regra, do encadeamento, é usado o conector francês *donc* (simbolizado por DC e pode ser traduzido para o português como *portanto*), como no exemplo citado por Ducrot (2005, p. 14)¹²: “Pedro é prudente, portanto não sofrerá nenhum acidente”. Para expressar a relação transgressiva, transgressão de uma norma, é utilizado o conector *pourtant* (simbolizado por PT e pode ser traduzido para o português como *no entanto*), conforme o exemplo: “Pedro é prudente, no entanto sofreu um acidente”. Segundo Ducrot (2005, p. 16), os conectores *donc* e *pourtant* integram a TBS, porque constituem encadeamentos, nos quais “cada um

¹¹ No original em espanhol: “La idea central de la teoría es que el sentido mismo de una expresión está dado por los discursos argumentativos que pueden encadenarse partir de esa expresión”.

¹² Segue as transcrições dos exemplos de conectores do texto em espanhol: “Pedro es prudente, por lo tanto no tendrá ningún accidente” e “Pedro es prudente, sin embargo sufrió accidentes”.

dos segmentos encadeados toma somente o seu sentido em relação com o outro”¹³, estabelecendo a noção de interdependência semântica que expressa uma relação constitutiva da natureza da linguagem. A interdependência semântica, concepção trazida pela TBS, nada mais é do que a construção da noção de relação, para a qual o sentido é construído por uma ordem puramente lingüística, conforme se observa nos exemplos embasados em Ducrot (2005):

- (1) É um verdadeiro problema DC posterguemos o assunto
- (2) É um verdadeiro problema DC neg-posterguemos o assunto

Ao analisar a palavra *problema*, citada nos exemplos acima, é possível observar que o sentido é construído através da interdependência semântica que o conector DC estabelece entre os segmentos. Isso porque a palavra *problema* estabelece o seu sentido pela relação com o segundo segmento. Assim, o sentido de *problema* no primeiro exemplo expressa dificuldade, pois para um verdadeiro problema é preciso tempo para refletir e resolvê-lo, enquanto no segundo exemplo o sentido construído é o de questão urgente, uma vez que um problema urgente deve ser resolvido imediatamente.

Para formalizar a noção de bloco semântico, Ducrot (2005, p. 20) explica a concepção de aspectos argumentativos ao considerar o encadeamento argumentativo X conector Y: “Chamaremos A o segmento X e B o segmento Y que, acompanhados ou não de uma expressão de valor negativo, são pertinentes para a conexão estabelecida no encadeamento argumentativo entre X e Y”¹⁴.

Assim, considerando novamente o encadeamento argumentativo: É um verdadeiro problema, portanto posterguemos o assunto (X conector Y), tem-se que o que é de fato pertinente para a argumentação é o que permite dizer *problema DC resolver depois*. Analisando, também, o encadeamento argumentativo: O próximo assunto da reunião é uma questão difícil de resolver, portanto deixemos para discuti-lo na próxima semana, pode-se perceber que para esse exemplo também o que é pertinente para a argumentação é a relação

¹³ Conforme a versão original “cada uno de los dos segmentos encadenados toma solamente su sentido en la relación com el outro”.

¹⁴ Citação traduzida de “Llamaremos A al segmento X y B al segmento Y que, acompañados o no de una expresión de valor negativo, son pertinentes para la conexión establecida en el encadenamiento argumentativo entre X y Y.”

problema DC resolver depois. O aspecto argumentativo dos enunciados expostos é o mesmo: A DC B na medida em que A é *problema* e B é *resolver depois*. Dessa forma, conforme Ducrot (2005), o aspecto argumentativo A DC B exprime os encadeamentos normativos que expressam a mesma relação argumentativa entre X e Y, em que A contém X e B contém Y.

A partir da interdependência entre A e B pode-se formar oito aspectos argumentativos. Para tanto, intercalam-se os conectores normativos e transgressivos e introduzem-se as negações. Assim, têm-se as seguintes combinações:

- (1) A DC B – Há um verdadeiro problema, portanto deixemo-lo de lado.
- (2) neg-A DC neg-B – Não há um verdadeiro problema, portanto não o deixemos de lado.
- (3) neg-A PT B – Não há um verdadeiro problema, no entanto deixemo-lo de lado.
- (4) A PT neg-B – Há um verdadeiro problema, no entanto não o deixemos de lado.
- (5) A DC neg-B – Há um verdadeiro problema, portanto não o deixemos de lado.
- (6) neg-A DC B – Não há um verdadeiro problema, portanto deixemo-lo de lado.
- (7) neg-A PT neg-B – Não há um verdadeiro problema, no entanto não o deixemos de lado.
- (8) A PT B – Há um verdadeiro problema, no entanto deixemo-lo de lado.

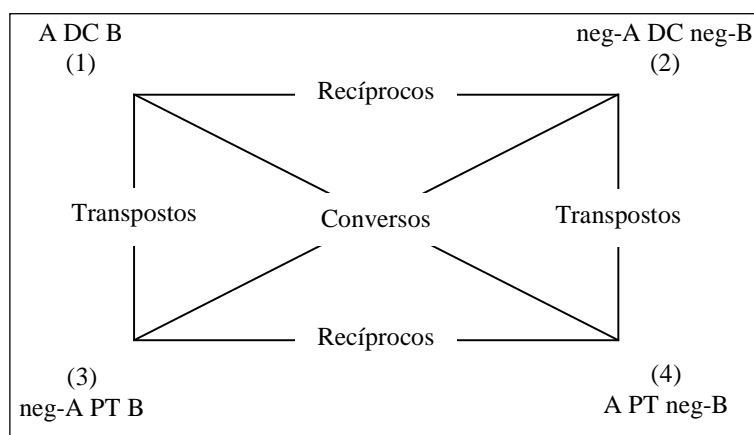
Ao analisar-se os oito aspectos formados, é possível perceber que nos quatro primeiros aspectos argumentativos o sentido de A é *dificuldade* e o sentido de B é *postergar*, enquanto que nos quatro últimos o sentido de A é *questão urgente* e o sentido de B é *postergar*. A partir da combinação dos aspectos argumentativos de acordo com o sentido construído que se tem a noção de bloco semântico. Dividem-se os aspectos argumentativos em dois blocos semânticos:

Bloco Semântico 1	Bloco Semântico 2
A DC B	A DC neg-B
neg-A DC neg-B	neg-A DC B
neg-A PT B	neg-A PT neg-B
A PT neg-B	A PT B

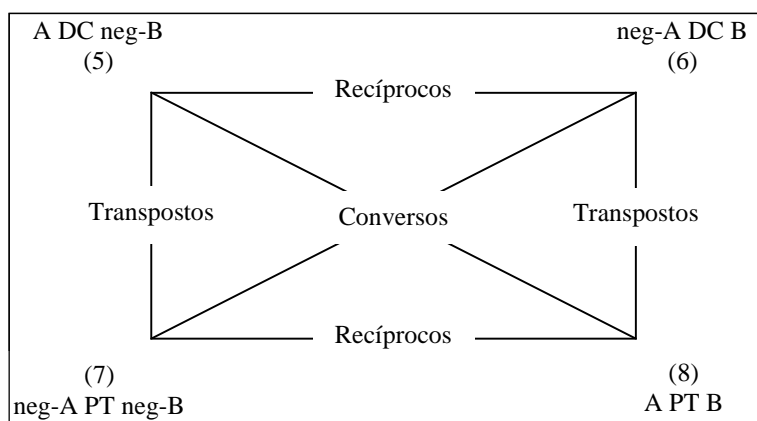
Quadro 2 – Blocos Semânticos

Fonte: Cf. DUCROT, Oswald. (2005, pp. 22-24)

Cada bloco semântico é formalizado por meio de um quadrado argumentativo, que se organiza a partir das relações discursivas que os aspectos argumentativos estabelecem entre si, quais sejam: *conversos*, *recíprocos*, e *transpostos*, conforme esquematizados abaixo:



Quadro 3 - Quadrado Argumentativo do Bloco Semântico 1
Fonte: DUCROT, Oswald. (2005, p. 46)



Quadro 4 - Quadrado Argumentativo do Bloco Semântico 2
Fonte: DUCROT, Oswald. (2005, p. 46)

Segundo Ducrot (2005), em cada ângulo do quadrado argumentativo há um aspecto, que estabelece relações discursivas com os outros aspectos dos outros ângulos. Essas

relações formais são definidas pelo jogo de conectores e de negações que correspondem às relações discursivas.

Observando a relação recíproca entre os ângulos: (1) e (2), (3) e (4), (5) e (6), (7) e (8), percebe-se que essa condição estabelece que, se o termo encontra-se positivo de um lado, ele aparecerá negado do outro e se o termo está negado, no outro ele ângulo será positivo e o conector sempre será conservado. O sentido que se constrói na relação discursiva recíproca é o que expressa negação, negando até mesmo a causa da argumentação.

Já a relação conversa estabelecida entre os ângulos em diagonal, como em (1) e (4), (2) e (3), (5) e (8), (6) e (7), caracteriza-se por conservar o primeiro termo, trocar o conector e inverter o segundo termo. A relação de conversão, assim como a recíproca, tem um vínculo muito estreito com a negação. Dessa forma, a argumentação entre os aspectos conversos revela a noção de contestação e refutação, se, por exemplo, o aspecto (1) é considerado falso pode-se contestá-lo com o aspecto (4).

Por último, a relação transposta é observada entre (1) e (3), (2) e (4), (5) e (7), (6) e (8). Essa relação se constitui por negar o primeiro termo, caso ele esteja positivo, ou afirmá-lo se estiver negativo, trocar o conector e manter o segundo termo. Essa relação discursiva transmite a idéia de *ao menos/em todo caso*, como no exemplo de Ducrot (2005, p. 49): “Pedro é estúpido. Em todo caso não é inteligente”¹⁵.

Outras noções essenciais para a Teoria dos Blocos Semânticos são as de argumentação externa e interna. Para Ducrot (2005, p. 62), as palavras e os enunciados estão coligados a entidades semânticas. De modo que, segundo o teórico: “toda entidade lingüística possui duas argumentações: uma argumentação interna e uma argumentação externa”¹⁶.

A argumentação externa de uma expressão é constituída pelos aspectos cujos encadeamentos contêm essa entidade. Por exemplo, a palavra *prudente* pode estar relacionada à *segurança* das seguintes formas: *prudente DC segurança e tem medo DC prudente*. No primeiro, tem-se o que Ducrot (2005) chama de argumentação externa à direita. Segundo ele, a esse aspecto está associado o seu converso. Dessa forma, na

¹⁵ Transcrição do exemplo, de acordo com o original: “Pedro es estúpido. En todo caso no es inteligente”.

¹⁶ Traduzido do espanhol: “toda entidad lingüística posee dos argumentaciones: una argumentación interna y una argumentación externa”.

argumentação externa à direta de *prudente tem-se prudente DC segurança, bem como prudente PT neg-segurança*. Já no segundo, a argumentação externa é à esquerda, que constitui os aspectos transpostos. Assim, se se tem os aspectos *tem medo DC prudente e neg-tem medo PT é prudente*.

Outra modalidade de associação entre enunciados ou léxicos e entidades semânticas é a argumentação interna. De acordo com Ducrot (2005), a argumentação interna é composta pelos aspectos que parafraseiam determinada expressão. Por isso, tal expressão, diferentemente da argumentação externa, não participa do encadeamento. Por exemplo, a argumentação interna da palavra *prudente* pode ser formulada como: *perigo DC precaução*. No caso de argumentação interna, o aspecto que se encontra associado é o recíproco. Desse modo, para *prudente tem-se*, também, *neg-perigo DC neg-preocuação*. Essas noções, de argumentação interna e externa, mostram como o significado de uma expressão linguística tem origem nas argumentações em que essa expressão participa ou as que evoca no momento de seu emprego.

Diante da reestruturação conferida às noções da Semântica Argumentativa pela Teoria dos Blocos Semânticos, Carel e Ducrot (2008) apresentaram algumas modificações necessárias acerca da Polifonia. Dessa forma, os teóricos também a inscrevem no quadro da fase atual da Semântica Argumentativa.

2.3.4 A polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos

Carel e Ducrot (2008) apresentam algumas modificações e explicitações acerca da análise polifônica da negação exposta em Ducrot (1984)¹⁷, com a finalidade de adequá-la à perspectiva da Teoria dos Blocos Semânticos. Para tanto, primeiramente, os teóricos estabelecem as assimilações e as atitudes do locutor em relação aos seus enunciadores. Após, Carel e Ducrot (2008) abordam as questões relativas às noções de pressuposição e de negação.

¹⁷ Essa referência é relativa ao capítulo 8: Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação, do livro *O dizer e o Dito*, de Ducrot.

Por considerarem enfraquecida a idéia de identificação de enunciadores, Carel e Ducrot (2008) passam a compreender a assimilação a seres indeterminados e determinados como uma das relações que o locutor tem com os enunciadores que põe em cena. Sobre a assimilação, Carel e Ducrot (2008) colocam que essa pode ser relacionada a seres determinados e indeterminados. Por exemplo, se é dito *eu me sinto cansado* ou *segundo o meu médico, estou cansado*, a origem do ponto de vista é conhecida: no primeiro, dá-se a si mesmo como responsável pelo enunciado e, no segundo, dá-se ao médico. Porém, a assimilação pode ser completamente indeterminada quando não é possível saber a quem se confere o enunciado, como em *as pessoas que pensam que sabem que p* ou *segundo certos filósofos, e não os menores, é preciso admitir que p*. Segundo Carel e Ducrot (2008), nesses dois últimos enunciados não é possível conhecer enunciador de *p*, porque esse é conferido às pessoas que pensam ou aos certos filósofos sem determinar quem são essas pessoas.

A outra tarefa do locutor em relação aos enunciadores é tomar atitudes como: assumir, concordar ou opor-se. Sendo assim, para Carel e Ducrot (2008, p. 8): “assumir um enunciador é dar como fim à enunciação impor o ponto de vista desse enunciador”, porque o propósito de descrever a enunciação do enunciado *eu me sinto cansado* está em revelar ao interlocutor o cansaço que se sente. Ainda, há a possibilidade de concordar com um ponto de vista ou opor-se a ele. Na primeira situação tem-se o enunciador como fonte de um pressuposto, o que leva à impossibilidade de contestá-lo, no entanto, na segunda situação ocorre o contrário: ao opor-se a um enunciador inviabiliza-se tanto o assumir como o concordar com esse ponto de vista.

Para a Teoria dos Blocos Semânticos, as relações entre signos estão na base de todo o significado. Essa relação entre signo é construída pela interdependência entre as unidades lingüísticas, que formam um encadeamento argumentativo ou argumentações, e que constituem o sentido. A noção de polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos entende, segundo Carel e Ducrot (2008, p. 10), que o enunciador “só introduz esses encadeamentos no universo de discurso: ele é, em relação a esse universo, a fonte desses encadeamentos”.

Carel e Ducrot (2008), ao abordarem a polifonia na linguagem pela Teoria dos Blocos Semânticos, exploram a noção de aspecto. Isso porque eles procuram descrever as diversas modalidades de negação, através das relações entre os aspectos, que são apresentados pelos enunciadores assumidos e pelos recusados. Assim, para a análise polifônica da negação polêmica (ou comum), os teóricos estabelecem a tese que define que

na argumentação interna da expressão negativa são encontrados os encadeamentos conversos aos que constituem a expressão positiva. Dessa forma, em *João é prudente* observa-se o aspecto *perigo DC desistência*, enquanto que em *João não é prudente* há o aspecto converso *perigo PT neg-desistência*.

Para integrar a pressuposição na Teoria dos Blocos Semânticos, de acordo com Carel e Ducrot (2008), é preciso percebê-la a partir da noção de interdependência semântica que há na constituição dos encadeamentos argumentativos. Isso porque, em um primeiro momento, era estabelecido, para a pressuposição, que o posto e o pressuposto tivessem origem em enunciadores separados, o que não condiz com a fase atual da Semântica Argumentativa. Dessa forma, para que a pressuposição seja coerente com a Teoria dos Blocos Semânticos, na argumentação interna do enunciado, por exemplo, *João sabe que p* há o aspecto: *p é verdadeiro DC X pensa que p*. Com isso, confere-se à relação entre o posto e o pressuposto a noção de interdependência semântica.

As noções de polifonia e de pressuposição são constitutivas do enunciado e, por isso, integram a natureza do sentido. A relação de tais noções com a concepção de língua saussuriana ocorre na medida em que a frase, entidade abstrata e valor semântico relativo à significação, apesar de não comportarem locutor, nem enunciadores trazem em sua significação indicações que permitem ou até mesmo exigem que a construção do sentido seja de essência polifônica. Essa relação também é explicada por Carel e Ducrot (2008, p. 13) da seguinte forma: “A determinação das significações lingüísticas só é, portanto, possível pela consideração sistemática do discurso: é no discurso que estão situados os encadeamentos argumentativos que a língua reúne nas suas significações”.

Todos os esforços da Teoria dos Blocos Semânticos convergem para comprovar a tese de que a argumentação está na língua e é construída pelo sentido lingüístico. Contudo, essa perspectiva da linguagem não requer que se feche os olhos para o contexto extralingüístico, pelo contrário, no âmago da Semântica Argumentativa está a relação entre semântica e pragmática. Essa concepção será analisada a seguir.

2.3.5 A relação entre semântica e pragmática para a Semântica Argumentativa

Para Ducrot (2005, p. 9), a palavra pragmática tem uma multiplicidade de sentidos, o que causa confusões no emprego do termo, por isso o teórico traça algumas precisões terminológicas. A primeira possibilidade consiste em chamar de pragmáticos “todos os aspectos semânticos de um discurso que não sejam diretamente previsíveis a partir de sua estrutura lingüística [...]”. Essa colocação demonstra a importância da relação entre semântica e pragmática, pois demonstra a importância de se construir o sentido, levando em consideração o contexto em que ela aparece.

Para exemplificar a aceção do termo pragmática como contexto, Ducrot (2005) apresenta três exemplos. Primeiramente, o lingüista analisa a expressão *O carro está na rua*, demonstrando que para saber de que carro e de que rua é tratado deve-se saber qual é o universo do discurso desse enunciado. No exemplo seguinte, ele apresenta os atos realizados pela palavra, para tanto analisa o enunciado *Você irá a Paris amanhã*, pois o sentido é compreendido a partir das respostas que irão de acordo com o caso, se é uma promessa, uma ordem, uma autorização, entre outros. Por fim, Ducrot (2005, p. 11), analisa o emprego da conjunção *mas* na frase: *Pedro veio, mas havia Paulo*. Nesse exemplo, a noção de pragmática como contextual expressa que a compreensão do sentido está envolvida com a situação que conduz para que se tire uma conclusão precisa das presenças de Paulo e Pedro. Nesses três casos, percebe-se que o sentido não está na análise da descrição lingüística, implicando, assim, uma pesquisa pragmática, para a qual o sentido só se constrói “por empréstimo do contexto, mas essa construção ‘pragmática’ do sentido é dirigido pelo valor propriamente lingüístico das palavras que se devem interpretar”.

De acordo com Ducrot (2005), pode-se, também, chamar de pragmático o ato de enunciação realizado pelo locutor. Para tanto, são analisadas as informações que o enunciado dá sobre a atitude de quem fala, do momento de quem fala, e sobre as intenções da fala. Assim, por exemplo, pode-se considerar pragmática a diferença entre um enunciado declarativo *Faz calor* e um enunciado exclamativo *Que calor faz!*. Nesse segundo sentido, a pragmática mostra que as palavras contêm nelas dispositivos que permitem representá-las no discurso que as utiliza, aproximando-se, assim, da estrutura lingüística. A segunda aceção de pragmática, que é a assumida pelo teórico, considera que o enunciado é a

representação a sua enunciação, apresentando, entre outras questões, a atitude do locutor com relação aos seus alocutários. Para Ducrot (2005, p.11), o sentido “[...] só se constrói por empréstimo do contexto, mas essa construção ‘pragmática’ do sentido é dirigida pelo valor propriamente lingüístico das palavras que se devem interpretar”. Nessa definição, pragmática e semântica se articulam para construir o sentido. Dessa forma, é a estrutura lingüística, o semântico, que traz indicações em forma de instruções. Essas instruções estabelecem as diretrizes da pesquisa, pragmática, orientando desde a sua necessidade até como e onde deve ser feita essa busca. Essa noção está alicerçada na leitura que Ducrot (1980, 1987, 1990, 2005) faz do estruturalismo, que percebe a língua e fala, ou melhor, sistema e uso de forma articulada, na qual um serve o outro.

Após essa revisão acerca dos estudos da narrativa e do levantamento de fundamentos teóricos da Semântica Argumentativa, faz-se necessário construir uma metodologia que possibilite analisar diferentes discursos narrativos, com o objetivo de verificar na prática como a Semântica Argumentativa pode oferecer subsídios para ampliar o conceito de narrativa, ao observar a sua essência argumentativa. Assim, no capítulo a seguir é construída uma metodologia de análise, após são apresentadas as análises em si e, por fim, estabelece-se a discussão dos resultados.

3 METODOLOGIA E ANÁLISE

Partindo da importância, delimitada por Ducrot (apud Alonso e Olmos 1992), de estudar discursos que à priori não são caracterizados como textos argumentativos, traçou-se o objetivo dessa dissertação: investigar como a Semântica Argumentativa pode explicar a narrativa. Assim, o principal propósito desta pesquisa consiste em analisar discursos narrativos a partir da Semântica Argumentativa, buscando indícios de como o sentido construído pelo lingüístico pode oferecer subsídios para a ampliação da definição de narrativa proposta por Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b).

Para alcançar tal finalidade, foram estudados quatro (4) discursos narrativos publicados. Dessa forma, foi elaborada uma metodologia de análise, de caráter qualitativo, que se fundamentou na concepção de linguagem da Semântica Argumentativa. Isso porque se acredita que a língua em si pode oferecer critérios semânticos e enunciativos, que permitem, ao se construir o sentido do discurso, resgatar a natureza da narrativa, qual seja: a de argumentar. Ressalta-se que esse sentido que se buscou foi o argumentativo, o qual é construído pela interdependência entre as unidades lingüísticas.

Fundamentar-se na perspectiva da Semântica Argumentativa é buscar o sentido lingüístico no uso da língua, pois se trata de uma perspectiva enunciativa. Ducrot (1980, 1987, 1990) vê o uso da linguagem integrado ao sistema, articulando semântica e pragmática. Por isso, para as análises, dependendo das especificidades dos discursos, recorreu-se às imagens da enunciação vinculadas aos enunciados, para que assim, a partir das orientações instrucionais do lingüístico, fossem articuladas as noções de semântica e de pragmática. Essa forma de abordar o discurso levou ao descarte da noção de sentido pré-existente ao uso, ou seja, o sentido literal.

É válido, contudo, ressaltar que a proposta teórica que se adotou desenvolve-se, pelo menos até o momento, no âmbito do enunciado. Dessa forma, como tem sido feito por outras propostas já realizadas¹⁸, pretendeu-se ampliar o campo de análise da teoria,

¹⁸ Segue as referências de uma amostragem de trabalhos que já abordaram essa questão:
AZEVEDO, Tânia Maris de. **Semântica Argumentativa: uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso**. 2003. 135 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

procurando evidenciar como a argumentação lingüística é produzida no nível de discursos. Para tanto, foi preciso estabelecer um roteiro metodológico adequado que contemplasse as complexidades da narrativa enquanto discurso.

Para compor o roteiro de análise, fez-se importante delimitar o discurso narrativo no âmbito de suas relações internas. Assim, entendeu-se que essa unidade discursiva é constituída pelo sentido resultante das relações entre suas palavras, seus enunciados, e seus níveis (situação inicial, nó, re-avaliação ou avaliação, desenlace e situação final). Assim, à luz da Teoria dos Blocos Semânticos foram analisados discursos narrativos buscando-se a construção do seu sentido argumentativo. Para a análise do todo, observou-se como os encadeamentos argumentativos relativos a cada categoria que integra a narrativa podem sistematizar um sentido argumentativo.

Além dos conceitos como encadeamento, aspecto, bloco semântico, argumentações internas e externas, outros conceitos da Semântica Argumentativa também serviram de respaldo para as análises, contudo foram utilizados apenas nos casos em que foram necessários. Dentre esses, está a noção de polifonia integrada à Teoria dos Blocos Semânticos, conforme Ducrot e Carel (2008), a análise da argumentação interna ao léxico e a noção de articulador.

Por fim, ressalta-se que essa metodologia de análise não é uma espécie de passo a passo enumerado, no qual quando um passo termina começa outro. Trata-se dos procedimentos adotados, contudo esses são combinados de acordo com as especificidades lingüísticas de cada discurso narrativo.

BARBISAN, Leci Borges. A construção da argumentação no texto. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 135-147, set, 2002.

BOTH, Joseline Tatiana. **Por uma abordagem enunciativa da leitura no ensino fundamental: o livro didático**. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DELANOY, Cláudio Primo. **Uma definição de leitura pela Teoria dos Blocos Semânticos**. 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FREITAS, Ernani César de. **A Teoria da Argumentação na Língua: blocos semânticos e a descrição do sentido no discurso**. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RÖRIG, Cristina. **A leitura em língua inglesa pela teoria da argumentação na língua**. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

3.1 ANÁLISE 1

A incapacidade de ser verdadeiro

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *A incapacidade de ser verdadeiro*. In: SARMENTO, Leila. **Português: leitura, produção, gramática**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.)

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspidando fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de Lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o dr. Epaminondas abanou a cabeça:

- Não há nada a fazer, dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

Para a análise da narrativa *A incapacidade de ser verdadeiro*, faz-se necessário observar a sua constituição sob dois planos enunciativos divididos de acordo com a relação entre locutor e alocutário. No primeiro, percebe-se a enunciação na relação entre o locutor-narrador, que coincide com o sujeito empírico Carlos Drummond de Andrade, que se dirige ao seu alocutário, o leitor. No segundo, a direção enunciativa constitui-se na medida em que o locutor-narrador, no interior de sua enunciação, instaura outros dois locutores.

O locutor 1 corresponde ao personagem Dona Coló. O locutor 2, o Dr. Epaminondas, expressa o seu ponto de vista a partir de sua própria enunciação, que é apresentada, pelo locutor-narrador, como um discurso citado direto. Além desses, há também a presença de Paulo, personagem de quem se fala. Observando as relações de sujeito da enunciação, analisa-se esse discurso, a partir da Semântica Argumentativa.

Inicialmente, é construída pelo locutor-narrador, a relação argumentativa entre o comportamento de Paulo e ser mentiroso, como se observa no encadeamento: **comportamento de Paulo DC ser mentiroso**. Esse sentido, ao mesmo tempo que define,

na perspectiva do locutor 1, o personagem Paulo, desencadeia a narrativa. Isso porque são as invenções de Paulo que provocam o comportamento de sua mãe, uma vez que o locutor-narrador confere a esse personagem a atitude de assumir o ponto de vista apresentado no primeiro enunciado, considerando as invenções de histórias de Paulo atitudes de mentiroso. O ponto de vista do locutor 1 pode ser sistematizado no seguinte encadeamento: **inventar histórias DC mentir**.

Tal perspectiva orienta a relação entre as atitudes de Paulo e as punições de sua mãe. Essa constatação pode ser percebida na sistematização das seguintes argumentações: **mentir DC ser punido e mentir pela segunda vez DC ser punido com mais severidade**

Com relação a esses encadeamentos, verifica-se que, apesar de pertencerem a dois blocos semânticos distintos, há similitude na interdependência entre o suporte e o aporte. Ao serem analisados juntos, observa-se que em ambos os encadeamentos o locutor 1, sustentado na noção de gradualidade¹⁹, que também pode ser percebida pelo articulador *não só*, para fortalecer argumentativamente o seu ponto de vista, assume o enunciador do aspecto normativo do bloco semântico que vincula a idéia: quem mente merece punição.

Após essas estruturações, observa-se que a mãe busca no castigo uma solução para as mentiras de seu filho. Assim, tem-se o encadeamento: **punir DC solucionar o problema**. Essa norma discursiva é construída pelo bloco semântico, que articula o sentido de *punir* e de *solucionar o problema*.

Contudo, apesar das punições, Paulo continua a mentir. Dessa forma, na seqüência dos acontecimentos, percebe-se que o comportamento do filho leva ao aspecto converso do bloco que relaciona o castigar e o solucionar o problema: **punir PT neg-solucionar o problema**. Dessa relação discursiva conversa, observa-se que não se trata de uma atitude contestadora de Paulo, mas sim da ineficácia do castigo para fazê-lo parar de mentir: **mentir pela terceira vez DC ineficácia das punições**. Na busca de uma solução para as atitudes do seu filho, quando o menino mente pela terceira vez, Dona Coló leva-o ao médico, evidenciando a construção de sentido sistematizada no encadeamento: **ineficácia das punições DC buscar outra solução**.

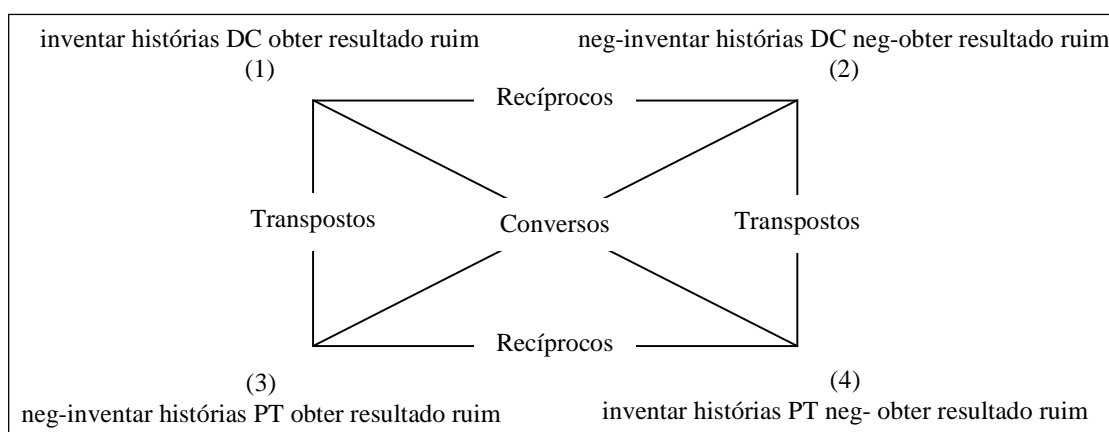
Ao final, o personagem Dr. Epaminondas, o médico, apresenta um novo ponto de vista com relação ao comportamento de Paulo. Dessa forma, ao enunciar: **Não há nada a**

¹⁹ A noção de gradualidade confere maior ou menor força argumentativa do enunciado.

fazer, dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia, ele assume outro sentido do bloco semântico que evidencia a relação entre *inventar histórias* e *ser punido*, conforme o encadeamento: **inventar histórias PT neg-ser punido**. Com isso, observa-se que o aspecto que particulariza o ponto de vista assumido pelo locutor 2 vincula a idéia de *apesar de inventar histórias não é caso de punição*.

Ao confrontar a compreensão do locutor 1 do comportamento do menino: **inventar histórias DC mentir** com a compreensão do locutor 2: **inventar histórias PT neg-mentir**, observa-se que o locutor 2 assume o aspecto converso ao aspecto assumido pelo locutor 1. Tal atitude do locutor 2 de negar o aporte e a relação normativa entre *inventar histórias* e *mentir* demonstra o seu ponto de vista sobre o caso de Paulo, que é diferente do ponto de vista do locutor 1. Dessa forma, ao opor-se ao ponto de vista do locutor 1 acerca do caso de Paulo, o locutor 2 vê no uma nova relação de sentido, conforme se observa no encadeamento: **inventar histórias DC fazer poesia**.

Esse sentido consiste no bloco semântico, que institui que para casos de poesia não há solução, pois não é mentira, é poesia. Diante dessa nova relação exposta, verifica-se que, nessa narrativa, é possível avaliar as histórias de Paulo sob ópticas diferentes, pois os locutores assumem aspectos diferentes do bloco semântico que relaciona *inventar histórias* ao seu resultado. A relação discursiva construída entre *inventar histórias* e *obter resultado ruim* pode ser formalizada no quadrado argumentativo abaixo:



Quadro 5 – Quadrado Argumentativo do Bloco Semântico que relaciona *inventar histórias* e *obter resultado ruim*

Fonte: O autor (2009).

Nota-se que esses quatro aspectos descrevem sentidos diferentes, o aspecto 1: **inventar histórias DC obter resultado ruim** corresponde a mentira, assim trata-se de um inventar histórias que traz danos; o aspecto 2: **neg-inventar histórias DC neg-obter resultado ruim** retrata o sentido relativo a verdade; o aspecto 3: **neg-inventar histórias PT obter resultado ruim**, assim como o aspecto anterior também vincula o sentido de verdade, no entanto não é uma verdade benéfica, ao contrário, trata-se de uma verdade que fere alguém; por fim, o aspecto 4: **inventar histórias PT neg-obter resultado ruim** descreve o sentido da manifestação artística advinda da criatividade, que inclui a poesia. Nesse discurso, as invenções de histórias de Paulo são compreendidas, pela sua mãe, como as mentiras descritas no aspecto 1, que resultam em efeitos negativos. Porém, quando diagnosticadas pelo médico, as histórias tomam o sentido construído pelo aspecto 4, ou seja, dotadas de arte, assim como a poesia.

Assim, o locutor 2, ao estabelecer a nova relação de sentido para o caso de Paulo, restabelece o equilíbrio, promovendo o desfecho da história. Isso ocorre porque no transcorrer das primeiras proposições, relativa aos primeiros cinco encadeamentos argumentativos formulados, observa-se a motivação do locutor 1 para modificar a conduta de Paulo, porém, com o ponto de vista do locutor 2, os últimos eventos narrativos são guiados por uma nova perspectiva acerca das atitudes de Paulo, que promoverá a revisão da situação inicial, como se observa nos encadeamentos através da contestação da relação de sentido estabelecida no início da narrativa:

inventar histórias DC mentir

inventar histórias PT neg-mentir

Para o locutor 2, como já visto na construção do sentido argumentativo, o inventar histórias, no caso de Paulo, não há conotação negativa, como há na relação exposta pelo locutor 1. Por isso, para ele as histórias contadas por Paulo não são mentiras, por isso não merecem punição. Nesse momento da narrativa, observa-se a situação de desequilíbrio exposta pelo ponto de vista do locutor 2. Isso ocorre porque todas as atitudes do locutor 1 foram conduzidas pela noção de que as histórias de Paulo são mentiras de Paulo e devem

ser punidas. Dessa forma, a concepção do locutor 2, ao transgredir o sentido aceito pelo locutor 1, leva ao desequilíbrio da narrativa.

O retorno a uma situação de equilíbrio ocorre com o estabelecimento de uma nova norma para as histórias de Paulo. Para o locutor 2, não se trata de mentira, trata-se de manifestação artística, constituindo um caso de poesia, como se observa no encadeamento: **comportamento de Paulo DC caso de poesia.**

Com a análise, percebe-se que esse discurso narrativo apresenta uma organização estrutural relativa à narração do curso dos acontecimentos, a sua função primeira é argumentar, pois a subjetividade dos locutores revela avaliações diferentes das ações de Paulo, dando origem a uma contra-argumentação, através dos aspectos conversos do mesmo bloco semântico.

Para se refletir a construção do sentido argumentativo através da estrutura narrativa, faz-se necessário atentar para a relação entre as subjetividades que mostram as facetas do mentir. Diante dessas considerações, constata-se que, a partir da Semântica Argumentativa (teoria que explora a natureza da língua através do sentido estabelecido pelo seu uso), é possível resgatar a natureza argumentativa da narrativa.

3.2 ANÁLISE 2

Uma história de Dom Quixote

(SCLIAR, Moacyr. Uma história de Dom Quixote In: SOARES, Magda. **Português: Uma proposta para o letramento – Livro 6**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.)

Quando se fala num quixote, as pessoas logo pensam num desastrado, num sujeito que não consegue fazer nada direito; que tem boas idéias, mas sempre quebra a cara. E até repetem aquela história que o escritor espanhol Cervantes contou sobre o Dom Quixote.

Era um daqueles cavaleiros andantes que usavam armadura, lança e escudo; percorria as planícies da Espanha num cavalo muito magro e muito feio chamado Rocinante, procurando inimigos a quem pudesse desafiar em nome da moça que amava, e que ele chamava de Dulcinéia. Pois um dia este Dom Quixote avistou ao longe uns moinhos de vento. Naquela época, vocês sabem, o trigo era moído desta maneira: havia um enorme cata-vento que fazia girar a máquina de moer. Pois o Dom Quixote viu, nesses moinhos, gigantes que agitavam os braços, desafiando-o para a luta.

Sancho Pança, seu ajudante, tentou convencê-lo de que não havia gigante nenhum; mas foi inútil.

Dom Quixote estava certo de que aquele era o grande combate de sua vida. Empunhando a lança, partiu a galope contra os gigantes...

O resultado, diz Cervantes, foi desastroso. A lança dos cavaleiros ficou presa nas asas do moinho, ele foi levantado no ar e jogado para longe. Para Sancho e para todas as pessoas que ali viviam, uma clara prova de que o homem era mesmo maluco.

Essa era a história que Cervantes contava. Já meu tatará-tatará-tataravô, que também conheceu Dom Quixote, narrava o episódio de uma maneira inteiramente diferente. Ele dizia que, de fato, Dom Quixote viu os moinhos e ficou fascinado com eles, mas não por confundi-los com gigantes. “Se eu conseguir enfiar minha lança naquelas asas que giram”, pensou, e “se puder agüentar firme, terei descoberto uma coisa sensacional”.

E foi o que ele tentou. Não deu completamente certo, porque nada do que a gente faz dá completamente certo; mas no momento em que a asa do moinho levantava Dom Quixote, ele viveu o seu momento de glória. Estava subindo como os astronautas hoje sobem; estava avistando uma paisagem maravilhosa, os campos cultivados, as casas, talvez

o mar, lá longe, talvez as terras de além-mar, com as quais todo mundo sonhava. Mais que isso, ele tinha descoberto uma maneira sensacional de se divertir.

É verdade que levou um tombo, um tombo feio. Mas isso, naquele momento, não tinha importância. Não para Dom Quixote, o inventor da roda-gigante.

O discurso *Uma História de Dom Quixote* inicia com a construção do sentido do léxico *quixote*. Para estabelecer algumas especificações de tal palavra, o locutor-narrador articula argumentações, conforme os encadeamentos: **falar num quixote DC pensar num desastrado e falar num quixote DC pensar num sujeito que não consegue fazer nada direito.**

É associada a esses encadeamentos que descrevem *quixote* a relação discursiva entre **ter boas idéias e quebrar a cara**, a qual é edificada na estrutura *A mas B*. Para a Semântica Argumentativa, uma das funções do *mas* é, ao articular encadeamentos, inverter a argumentação contida na expressão anterior ao *mas*. Assim, nesse discurso, o segmento **ter boas idéias** relaciona o segmento **DC não quebrar a cara**. Contudo, o locutor inverte a argumentação ao contrapor o aspecto: **ter boas idéias DC neg-quebrar a cara** com o seu aspecto converso: **ter boas idéias PT quebrar a cara**. Com relação a esses aspectos, o locutor confere às pessoas, de modo geral, a atitude de assumir o ponto de vista do enunciado, expressando o sentido: *apesar de ter boas idéias, o sujeito quebra a cara*.

Após apresentar o que as pessoas pensam quando se fala num *quixote*, no final do primeiro parágrafo, o locutor-narrador constrói o sentido: **falar num quixote portanto repetir a história que Cervantes contou sobre Dom Quixote**. Essa argumentação é relacionada com os encadeamentos precedentes através da presença do articulador *e até*, conforme se observa abaixo:

falar num quixote DC pensar num desastrado, pensar num sujeito que não consegue fazer nada direito e pensar em alguém que tem boas idéias mas quebra a cara

e até

falar num quixote DC repetir a história que Cervantes contou sobre Dom Quixote

Observando a relação de sentido existente entre os encadeamentos anteriores e o encadeamento posterior ao *e até*, percebe-se que a função desse articulador no discurso assemelha-se à instrução estabelecida por Ducrot (1990) para o articulador *até mesmo*. Dessa forma, estabelece-se que esses encadeamentos relacionados têm a mesma direção argumentativa, porém, ao serem comparados, percebe-se que o último encadeamento agrega maior força argumentativa para a definição da palavra *quixote*. Em razão da contribuição da história que Cervantes contava para a concepção do léxico *quixote* como um desastrado, um desajeitado, no segundo parágrafo, o locutor-narrador apresenta tal história.

Ao recontar a história de Cervantes, o locutor-narrador mostra a imagem que tem de seu alocutário: o público infantil²⁰. Assim, pressupondo que seu alocutário desconheça algumas expressões pontuais da história de Cervantes, ele permeia a sua narrativa com seqüências explicativas e seqüências descritivas. Dessa forma, a expressão *cavaleiro andante* é descrita conforme o encadeamento que segue: **ser cavaleiro andante DC usar armadura, lança e escudo.**

A relação de sentido expressa nesse encadeamento mostra o que é preciso para ser um cavaleiro andante. Após essa definição, o locutor-narrador apresenta Dom Quixote, definindo-o como um cavaleiro andante, porém o particulariza a partir das seguintes argumentações externas:

AE (Dom Quixote): ser cavaleiro andante DC percorrer as planícies da Espanha

AE (Dom Quixote): ser cavaleiro andante Dom Quixote DC ter um cavalo magro, muito feio

AE (Dom Quixote): ser cavaleiro andante Dom Quixote DC amar Dulcinéia

AE (Dom Quixote): ser cavaleiro andante Dom Quixote DC desafiar inimigos

Diante da descrição acerca do personagem Dom Quixote, o locutor-narrador inicia o relato do episódio dos moinhos de vento, o qual foi narrado, primeiramente, pelo locutor-

²⁰Ressalva-se que é possível supor que o alocutário desse discurso é o público infantil. Isso porque as descrições e as faltas de descrições dão pistas acerca do alocutário. No caso desse discurso, parece que, ao se descrever expressões como cavaleiro andante e moinho de vento e ao não se descrever cata-vento, astronauta e roda-gigante, o mundo infantil é delimitado.

Cervantes. Contudo, nessa etapa da narrativa, o locutor-narrador apenas coloca que Dom Quixote avistou os moinhos, pois, considerando a possibilidade de seu alocutário desconhecer um moinho de vento, o locutor-narrador interrompe a narrativa para definir esse sentido, conforme as argumentações externas de moinho de vento:

AE (moinho de vento): moinho de vento DC moer trigo

AE (moinho de vento): moinho de vento DC cata-vento gigante para fazer a máquina girar

A construção da imagem de moinho de vento como um cata-vento gigante é resultado da relação entre o locutor-narrador e o seu alocutário, pois dessa explicação observa-se como o locutor-narrador marca o seu alocutário no discurso, pois considera a possibilidade de ele não conhecer um moinho de vento. Após essa pausa para tal explicação, segue a narração dos fatos.

Na procura por inimigos a serem desafiados, na história de Cervantes, Dom Quixote viu uns moinhos de vento e acreditou que esses eram gigantes enormes a serem desafiados para um combate, conforme o encadeamento: **moinhos de vento DC inimigos para luta.**

Diante do que poderia ocorrer se Dom Quixote lutasse contra os moinhos de vento, os supostos gigantes, Sancho Pança, ajudante de Dom Quixote, tentou convencê-lo de que não havia gigantes, e sim apenas moinhos de vento. A argumentação que o locutor-narrador fez assimilar ao personagem Sancho Pança expressa o aspecto converso: **moinhos de vento PT neg-inimigos para luta** do assumido ao locutor-Dom Quixote. Apesar da contra-argumentação de Sancho, Dom Quixote partiu para o combate, que, aliás, na sua concepção, era o maior combate de sua vida.

Para refletir acerca desse episódio, o locutor-narrador traz para a sua enunciação a enunciação do próprio Cervantes, que tece a avaliação: foi desastroso. Essa consideração acerca do evento sustenta-se neste relato: **a lança dos cavaleiros ficou presa nas asas do moinho, ele foi levantado no ar e jogado para longe**, formando o seguinte ponto de vista: **tombo DC desastre.**

Aliado a essa argumentação, observa-se também a construção do sentido contida no encadeamento: **episódio dos moinhos de vento DC ser maluco.** Ao relacionar o ocorrido

na cena dos moinhos de vento como uma atitude de um maluco, o locutor-narrador expressa o ponto de vista, que é assimilado ao Sancho e aos outros que ali estavam.

Após relatar o episódio dos moinhos de vento, que foi vivido por Dom Quixote, sob a perspectiva de Cervantes, o locutor-narrador lembra que seu tatarata-tatarata-tataravô também conheceu Dom Quixote e que ele narrava essa história de forma bastante diferente da de Cervantes. Assim, o locutor passa a contar a versão de seu tatarata-tatarata-tataravô sobre o episódio.

Com o enunciado: **Ele dizia que, de fato, Dom Quixote viu os moinhos e ficou fascinado com eles**, o locutor-narrador observa que há uma concordância entre as versões de Cervantes e a de seu tatarata-tatarata-tataravô: o fascínio que os moinhos provocaram em Dom Quixote. Isso seria dizer que em ambas as versões é assumido o ponto de vista: **moinhos DC fascínio de Dom Quixote**. Contudo, com o enunciado seguinte: **mas não por confundi-los com gigantes**, é possível estabelecer a seguinte formalização:

fascínio DC gigantes
mas
fascínio PT neg-gigantes

Essa relação discursiva exposta com a presença do *mas* demonstra, por polifonia, a noção de contrariedade. Assim, o sentido construído na segunda versão do episódio dos moinhos de vento: **fascínio PT neg-gigantes** opõe-se ao sentido primeiramente apresentado: **fascínio DC gigantes**. Essa relação discursiva conversa estabelecida entre os aspectos do mesmo bloco está subjacente à relação de oposição que se coloca entre as versões de Cervantes e do tatarata-tatarata-tataravô, que leva aos encadeamentos: **moinhos PT neg-gigantes** e **moinhos PT neg-inimigos para a luta**.

Ao narrar uma outra leitura da aventura, o locutor-narrador integra em sua enunciação os pensamentos que Dom Quixote teve diante dos moinhos de vento, instaurando o locutor-Dom Quixote, o qual enuncia: **se eu conseguir enfiar minha lança naquelas asas que giram e se puder agüentar firme, terei descoberto uma coisa sensacional**. Tal propósito pode ser construído pelo encadeamento: **enfiar lança e agüentar firme DC descobrir algo sensacional**.

Depois de apresentar o objetivo, na própria voz do personagem, o locutor-narrador evidencia o feito de Dom Quixote, construindo a relação contida no encadeamento: **fazer plano DC tentar**. Da tentativa de Dom Quixote de descobrir algo novo, o locutor-narrador, conforme o sentido estabelecido no encadeamento: **nada dá completamente certo DC neg-tentativa completamente certa**, conjectura acerca da realidade, explicando que os planos nunca saem exatamente como são programados. Entretanto, contrariando a argumentação do segmento: **neg-dar completamente certo**, o locutor-narrador articula o sentido da aventura de Dom Quixote de acordo com o encadeamento: **neg-completamente certo PT viver o seu momento de glória**.

A aventura de Dom Quixote é contada na medida em que a asa do moinho se levanta, isso porque quanto mais alto, mais belezas podem ser contempladas, como se observa no enunciado: **Estava subindo como os astronautas hoje sobem; estava avistando uma paisagem maravilhosa, os campos cultivados, as casas, talvez o mar, lá longe, talvez as terras de além-mar, com as quais todo mundo sonhava**. Essa construção de sentido pode ser analisada pelo encadeamento: **contemplar as belezas do mundo DC viver o seu momento de glória**.

A esse encadeamento é associado outro que constrói o sentido: **descobrir uma maneira sensacional de se divertir DC viver o seu momento de glória**. A relação entre esses dois encadeamentos: **contemplar as belezas do mundo DC viver o seu momento de glória** e **descobrir uma maneira sensacional de se divertir DC viver o seu momento de glória**, é explicitada pela expressão *mais do que*, a qual, ao exercer a sua função semântica de organizar o discurso, expressa a noção de gradualidade contida na própria língua. Desse modo, tanto contemplar as belezas do mundo quanto descobrir uma maneira sensacional de se divertir, nesse discurso, tem o seu mérito, no entanto descobrir uma maneira de se divertir é mais valorizado do que simplesmente contemplar imagens bonitas.

No último parágrafo da narrativa, o locutor-narrador aborda a relação entre o tombo de Dom Quixote e a sua importância, colocando em voga o encadeamento: **tombo PT neg-importância**. Com esse sentido, o locutor-narrador mostra, contrariando a versão de Cervantes, que apesar do tombo, a aventura no moinho de vento não foi um desastre: **tombo PT neg-desastre**. Isso porque, na verdade, esse episódio foi marcado pelo aspecto que particulariza o sentido: **episódio dos moinhos de vento DC inventor da roda gigante**.

A subjetividade dos locutores na leitura do episódio constrói Dom Quixote. Pelo olhar do locutor-Cervantes, o episódio dos moinhos de vento atesta a maluquice de Dom Quixote: **episódio dos moinhos de vento DC maluquice**. Agora, pelo olhar do locutor-tatara-tatara-tataravô, Dom Quixote recebe todo o mérito do episódio, pois ele inventa a roda-gigante.

A organização dessa narrativa: *Uma História de Dom Quixote* divide-se em três partes. A primeira é constituída pela reflexão do locutor sobre o significado do léxico *quixote*:

falar num quixote DC pensar num desastrado

falar num quixote DC pensar num sujeito que não consegue fazer nada direito

Na segunda parte, o locutor conta a história de Dom Quixote sob o ponto de vista de Cervantes. Essa perspectiva da história de Dom Quixote integra a narrativa, porque serve de argumento, inclusive é o argumento mais forte, para a definição do sentido anteriormente estabelecido para a palavra *quixote*. Na situação inicial dessa versão da história são abarcadas as descrições de cavaleiro andante e de Dom Quixote, e o início do processo narrativo é marcado pelo momento em que Dom Quixote avistou os moinhos de vento, e viu nele inimigos para a luta, conforme o encadeamento: **moinhos de vento DC inimigos para luta**. O curso dessa narrativa configura-se pelo combate de Dom Quixote aos moinhos, resultando, segundo o locutor-cervantes, em um destrate, de acordo com o encadeamento: **tombo DC desastre**. O sentido dessa história pode ser construído pelo encadeamento: **episódio dos moinhos de vento DC maluquice**. Observa-se que esse sentido corrobora a noção inicial, apresentada pelo locutor, acerca da idéia que as pessoas tem do léxico *quixote*.

A última parte da narrativa inicia com o enunciado **Essa era a história que Cervantes contava**, demonstrando que há outra versão para a história de Dom Quixote: a que seu tatara-tatara-tataravô contava. Sob esse outro ponto de vista, a narrativa estabelece que os moinhos, de fato, fascinaram Dom Quixote, mas não por pensar que eram gigantes desafiando-o para um combate, como mostra o encadeamento: **moinhos PT neg-inimigos para a luta e tombo PT neg-desastre**. Ao contar outra versão da história, o locutor argumenta através do aspecto converso ao estabelecido na história anterior. Com essa

transgressão, o locutor desequilibra a narrativa e passa a construir outros sentidos para a história de Dom Quixote, como **enfiar lança e agüentar firme DC descobrir algo sensacional e episódio dos moinhos de vento DC invenção da roda gigante.**

3.3 ANÁLISE 3

Meus dois pedidos

(VERISSIMO, Luis Fernando. Meus dois pedidos. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 jan. 2008. Opinião, p.3)

Agora posso contar. Fui eu que consegui a vitória do Internacional no Campeonato Mundial Interclubes, no Japão, em 2006.

Foi assim. Recebi uma oferta do Diabo pela minha alma. Veio por e-mail, de sorte que nem vi a sua cara. Ele procurava na internet pessoas dispostas a trocar sua alma pelo que quisessem. Respostas para 666@belzebu.com. A pessoa empenhava sua alma ao Diabo, para entregar na saída, e em troca poderia pedir duas coisas. Mas só duas coisas.

Perguntei como eu poderia ter certeza de que ele cumpriria a sua parte no trato. Depois da minha alma empenhada, contrato assinado com sangue etc., ele poderia simplesmente não atender aos meus pedidos. Ele propôs que fizéssemos um teste. Que eu pedisse alguma coisa impossível. Que o meu pedido fosse um delírio, algo totalmente fora da realidade. Se ele cumprisse o prometido, eu saberia que sua oferta era para valer. E só então lhe entregaria a minha alma. Concordei.

Qual seria o meu primeiro pedido? Pensei imediatamente no Internacional. Está certo, antes pensei na Luana Piovani, mas aí achei que poderia dar confusão. Em seguida pensei no Internacional. Um Campeonato do Mundo para o Internacional! Decisão contra o Barcelona. Sua resposta veio num e-mail conciso:

- Feito.

E foi o que se viu. Vitória sobre o Barcelona contra todas as probabilidades. Inter campeão do mundo. O trato com o Diabo era, por assim dizer, quente. E eu podia fazer meu segundo pedido. Um bicampeonato do mundo para o Inter? Concluí que estava sendo egoísta demais. Estava pensando só na alegria dos colorados — e passageira, pois não poderia pedir vitórias do Internacional em todos os campeonatos, para sempre — e esquecendo o meu país. Deveria pedir, pela minha alma, algo que desse alegria a todos, inclusive gremistas. O quê? Quero que o Brasil se transforme num país escandinavo. Agora! Um país organizado, sem crime, sem fome, sem injustiça, sem conflitos, magnificamente chato. Era isso: minha alma por um país aborrecido!

Foi o que botei no meu e-mail para o Diabo. Ele respondeu perguntando se eu tinha pensado bem no que estava pedindo. Eu deveria saber que a adaptação seria difícil. A conversão da moeda, a língua, o frio, os hábitos diferentes... E que seria impossível preservar tudo o que nos faz simpáticos, e criativos, e divertidos — enfim, brasileiros no bom sentido — sem a bagunça e o mau caráter. Ou ser escandinavo só durante o expediente e brasileiro depois das seis. Era mesmo o que eu queria? É, respondi. Chega desta irresponsabilidade tropical, desta indecência social disfarçada de bonomia, desta irresolução criminosa que passa por afabilidade, deste eterno adiamento de tudo. Faça-nos escandinavos, já!

O Diabo: “Tem certeza? Já?”

Eu: “Bom... Depois do carnaval”.

Nessa narrativa, de Luis Fernando Verissimo, observa-se, logo no início, um enunciado, que se constitui por polifonia. Quando o locutor diz *Agora posso contar*, ele faz pressupor que antes não podia contar. Ao conferir ênfase ao que será dito no discurso, o locutor revela que ele é o responsável pela vitória do Internacional no campeonato mundial interclubes. Assim, ele passa a narrar os fatos.

O locutor conta que recebeu uma proposta do Diabo por e-mail. Tal proposta consiste em vender a alma e em troca ter dois pedidos atendidos. Diante da oferta, o locutor, com o enunciado: **Perguntei como eu poderia ter certeza que ele cumpriria a sua parte no trato**, hipotetiza a possibilidade de o diabo não cumprir a sua parte no trato. Isso pode ser percebido no plano hipotético estabelecido através da suposição formalizada no encadeamento **perguntar como ter certeza DC neg-ter certeza**, que vincula a noção de polifonia desse enunciado.

Com a necessidade de uma garantia, o Diabo propôs um teste: **Se ele cumprisse o prometido, eu saberia que sua oferta era para valer. E só então lhe entregaria a minha alma**. Nesse trecho do discurso, observa-se, novamente, o relato no plano hipotético. De modo que o cumprimento da promessa fica relacionado com a entrega da alma, com o encadeamento: **cumprir o prometido DC entregar a alma**.

Quanto ao teste proposto, segundo o locutor, esse deveria ser algo impossível de acontecer. Para ele duas coisas são impossíveis: a Luana Piovani e o Interncaional ser

campeão do mundo. Entre essas duas, o locutor escolheu o Internacional, porque escolher a Luana Piovani poderia dar confusão. Os requisitos para o teste, **Que eu pedisse alguma coisa impossível. Que o meu pedido fosse um delírio, algo totalmente fora da realidade**, demonstram, de acordo com o locutor, a impossibilidade de o Internacional um dia ganhar um campeonato mundial, pode-se observar as seguintes argumentações externas:

AE (Internacional): Internacional ser campeão mundial DC coisa impossível

AE (Internacional): Internacional ser campeão mundial DC delírio

AE (Internacional): Internacional ser campeão mundial DC totalmente fora da realidade

Em sua narrativa, o locutor coloca que com o seu pedido atendido ele passa a ter um outro desafio: o segundo pedido. Refletindo sobre qual seria o seu desejo, o locutor descarta pedir um bicampeonato para o Internacional, pois queria que o seu segundo pedido desse alegria para todos. Pensando nisso, o locutor pediu: **quero que o Brasil se transforme num país escandinavo**. A partir dessa solicitação, o locutor constrói o sentido de Brasil e de país escandinavo através de construções polifônicas. Conforme a narrativa, a argumentação interna de país escandinavo pode ser construída da seguinte forma:

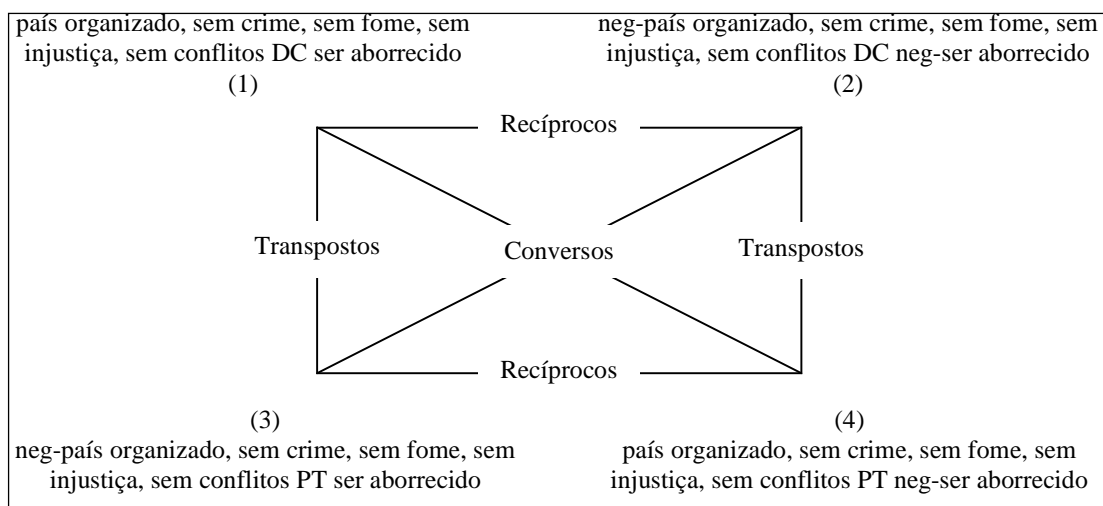
AI (país escandinavo): país organizado, sem crime, sem fome, sem injustiça, sem conflitos DC país aborrecido

Do desejo do locutor de querer transformar o Brasil, percebe-se, por polifonia, que o ele não tem as características de um país escandinavo. Através do aspecto recíproco ao que define país escandinavo, tem a argumentação interna de Brasil:

AI (Brasil): neg-país organizado, sem crime, sem fome, sem injustiça, sem conflitos DC neg-país aborrecido

Com essas argumentações internas, de país escandinavo e de Brasil, percebe-se que um é o oposto do outro. Continuando o relato, o locutor conta que o Diabo colocou que esse era um pedido complicado, porque a adaptação à nova cultura seria difícil. E que seria

impossível preservar algumas características do povo brasileiro como a simpatia, a criatividade, e a diversão, conforme o encadeamento: **transformar o Brasil em um país escandinavo PT neg-preservar o lado bom do Brasil**. Com essa colocação corrobora a relação já exposta nas argumentações internas acima: ser país politicamente correto vincula perder as características que tornam o brasileiro simpático. Dessa relação entre ser um país organizado, sem crime, sem fome, sem injustiça, sem conflitos e ser aborrecido, origina-se o seguinte quadrado argumentativo:



Quadro 6 – Quadrado Argumentativo do Bloco Semântico que relaciona país organizado, sem crime, sem fome, sem injustiça, sem conflitos e ser aborrecido
Fonte: O autor (2009).

Dessas relações, pode-se observar quatro tipos de países. Primeiro, no aspecto (1) tem-se um país escandinavo. O recíproco desse aspecto, o número (2), define o Brasil, país completamente contrário a um escandinavo, onde as coisas não acontecem como seria o correto de acontecer, entretanto não é um país aborrecido. No aspecto (3) é definido o que poderia ser entendido como o pior país, pois mesmo não sendo um país organizado é um país aborrecido, ao contrário do aspecto (2), o Brasil. Finalmente, no aspecto (4) tem-se a definição do que seria um país ideal para ser viver, porque apresenta as características que fazem de um país escandinavo um país organizado sem ser um país aborrecido. Esse aspecto (4) pode ser observado na reflexão do locutor: **Ou ser escandinavo só durante o**

expediente e brasileiro depois das seis, pois é a proposta de um país que trabalha quando deve-se trabalhar e se diverte quando deve-se divertir.

Diante do dilema de tornar ou não o Brasil um país escandinavo, o locutor, não suportando mais a situação brasileira, diz para o Diabo que quer tornar o Brasil um país escandinavo com o enunciado: **Chega desta irresponsabilidade tropical, desta indecência social disfarçada de bonomia, desta irresolução criminosa que passa por afabilidade, deste eterno adiamento de tudo. Faça-nos escandinavos, já!** Mais uma vez, a oposição entre o Brasil e um país escandinavo é determinada. De modo que o locutor prefere perder o que é bom no Brasil do que continuar sendo um país com tantos problemas.

Entretanto, em um curto diálogo, o Diabo questiona: **“Tem certeza? Já?”**. E o locutor, contrariando o que havia dito antes, pois não agüentava mais esperar, queria a transformação do Brasil em um país escandinavo o quanto antes, diz: **“Bom... Depois do carnaval”**.

A disposição interna dessa narrativa gira entre torno do relato dos pedidos do locutor, que, quando recebe um e-mail do diabo, depara-se com a seguinte oferta formulada no encadeamento: **vender a alma DC ter dois pedidos atendidos**. Desse momento, desencadeia a trama.

Diante a necessidade que o locutor impõe para ter certeza da honestidade do diabo lhe é proposto um teste: se esse pedido fosse atendido, o locutor empenharia a sua alma e pediria o segundo. Assim, o primeiro pedido foi feito: **primeiro pedido DC campeonato para o Internacional**.

Com a concretização do primeiro pedido, tem-se o encadeamento **cumprimento do primeiro pedido DC fazer o segundo pedido**. Então, o locutor passa a refletir acerca do seu segundo pedido, pois em sua argumentação, **segundo pedido PT neg-campeonato para o internacional**, não poderia pensar novamente só no Internacional, devia pensar em todo o país. Esse aspecto transgressivo direciona a narrativa para a definição do segundo pedido: **segundo pedido DC tornar o Brasil em um país de escandinavos**.

Contudo, esse pedido gera uma discussão sobre as diferenças entre o Brasil e os Países Escandinavos, que leva ao encadeamento: **transformar o Brasil em um país escandinavo PT neg-preservar o lado bom do Brasil**, o qual direciona para uma resolução desse conflito. Isso porque, diante dessa consequência que acarretaria de seu

pedido, o locutor resolve mantê-lo, entretanto, conforme o encadeamento: **transformação do Brasil DC depois do carnaval**, prefere que essa mudança seja feita depois do carnaval.

3.4 ANÁLISE 4

Tragédia brasileira

(BANDEIRA, Manuel. Tragédia brasileira In: PLATÃO, Francisco Savioli; FIORIN, José Luiz. **Para Entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Cortez, 1999.)

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa - prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava um namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês do Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Nessa narrativa, o locutor instaura os personagens Misael e Maria Elvira mediante a apresentação das características que os constituem. Assim, segundo o locutor, Misael é um funcionário público de 63 anos, enquanto Maria Elvira é uma prostituta, doente, com problemas financeiros e com os dentes em petição de miséria, como pode ser formalizado pelo encadeamento: **prostituta DC situação precária**.

O locutor narra que quando Misael conheceu Maria Elvira ele a tirou da situação precária, em que ela se encontrava. Assim, pode-se relacionar a descrição de Maria Elvira

com a atitude de Misael, da seguinte forma: **situação precária de Maria Elvira DC tomar uma atitude.**

Quando Misael tira Maria Elvira da vida de prostituição, a personagem passa por uma transformação: melhora de sua saúde, de suas condições financeiras e de sua aparência. Dessa maneira, pode-se construir o encadeamento, que vincula o que resultou para Maria Elvira do relacionamento com Misael: **relacionamento com Misael DC conforto.** Essa situação na vida de Maria Elvira contrapõe-se a sua situação anterior, se antes ela vivia em péssimas condições, após conhecer Misael passa a desfrutar de confortos que antes não tinha.

Contudo, quando Maria Elvira muda para uma condição melhor, ela, logo arranja um namorado, constituindo a argumentação: **melhora de Maria Elvira DC outros namorados.** Segundo o locutor, Misael não queria se envolver em escândalos, portanto, ainda que houvesse da possibilidade de matar Maria Elvira, preferiu mudar de endereço. Assim, a ação de Maria Elvira resulta em uma ação de Misael: **novo namorado de Maria Elvira DC mudar de endereço.**

A situação, porém, persistiu por três anos, de modo que muitos foram os namorados e, logo, muitas foram as mudanças. Essa ineficácia das mudanças, levou Misael a desacreditá-las, o que pode ser expresso pelo aspecto **novo namorado de Maria Elvira PT neg-mudar de endereço.** Observa-se que esse último aspecto é o converso do expresso na situação anterior. Em determinado momento, Misael, conforme o locutor, privado de sentidos e de inteligência, matou Maria Elvira, o que leva ao encadeamento: **contínua troca de namorados DC matar Maria Elvira.**

Diante da construção do sentido argumentativo, passa-se para o estudo interno dessa narrativa, analisando a relação discursiva entre os seus níveis, os quais organizam as ações que a constituem. No discurso Tragédia brasileira, a situação inicial é apresentada pelo locutor através do encadeamento: **situação precária de Maria Elvira DC necessidade de Misael tomar uma atitude,** pois essa relação de sentido demonstra a atitude de Misael diante situação precária de Maria Elvira.

Misael tira Maria Elvira da prostituição, dando-lhe acesso à saúde, moradia e conforto. O resultado dessa atitude de Misael origina o encadeamento: **Maria Elvira melhor DC outros namorados,** que desencadeia o processo narrativo. Diante desse cenário, Misael mudou de endereço a cada novo namorado de Maria Elvira, participando

também do núcleo da narrativa o encadeamento: **novo namorado de Maria Elvira DC mudar de endereço.**

A inútil estratégia de Misael, observada no encadeamento: **ter um novo namorado PT neg-mudar de endereço**, leva ao desenlace da narrativa que particulariza o encadeamento: **contínua troca de namorados de Maria Elvira DC matar Maria Elvira**, restabelecendo um equilíbrio para a trama, uma vez que de certa forma o conflito inicial é resolvido.

3.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o objetivo de estudar como a Semântica Argumentativa pode explicar o discurso narrativo, foram relacionados os fundamentos teóricos da Semântica Argumentativa, evidenciando como eles podem estabelecer um conceito de narrativa, que tem como base a construção do sentido argumentativo. Além disso, para esta seção delimitou-se alguns aspectos das análises que podem direcionar tal reflexão.

Na tentativa de explicar a narrativa pela Semântica Argumentativa, são apresentados os fundamentos que permitem essa formulação. Dessa forma, primeiramente, delimita-se que o campo de estudo que requer uma abordagem semântico-argumentativa da narrativa é o enunciado, o produto da enunciação. Isso porque do processo enunciativo não são os sujeitos empíricos envolvidos, nem as operações cognitivas postas em ação, que interessam para a Semântica Argumentativa. Por isso, o estudo da narrativa nessa perspectiva deve ser restrito ao enunciado, ou, ao seu nível mais complexo, o discurso.

Considerando o quadro da Semântica Argumentativa, entende-se que o discurso é um todo organizado e relacionado de sentido, que deriva do lingüístico e que está inscrito na língua. Por isso, um discurso não deve ser lido como uma sucessão de palavras isoladas. Ao contrário, é, acima de tudo, a construção de um sentido, um todo significativo a partir das relações que as unidades lingüísticas estabelecem entre si, como entre palavra, entre frases, entre parágrafos, entre discursos.

Nesse sentido, considerando que uma narrativa é composta pela organização de acontecimentos, que são estruturados de acordo com episódios de equilíbrio e de desequilíbrio, a Semântica Argumentativa não a explicaria como uma mera sucessão de fatos. Ao contrário os acontecimentos narrados devem ser percebidos, por essa concepção de linguagem, de forma relacionada, ou seja, de modo que um participa da constituição do outro, construindo sentido.

Além da noção de relação, deve-se considerar para o estudo da narrativa também a perspectiva enunciativa da linguagem, percebendo-se o discurso, a partir das relações subjetivas e intersubjetivas, ou seja, como produzido por um locutor para um alocutário. Para a Semântica Argumentativa, o locutor, ser de fala, expressa seu ponto de vista no discurso. A argumentação é constitutiva da língua, porque sempre que o locutor marca a

sua subjetividade no discurso, posiciona-se argumentativamente ao construir o sentido que pretende dar a sua enunciação. Essa noção tem razão de ser, uma vez que a língua vista como através de uma ordem essencialmente lingüística, não é tida como uma referência direta da realidade, porque com a língua fala-se das coisas do mundo, construindo-se uma imagem, a partir subjetividade do locutor. De modo que a função primeira da língua é argumentar, tornando o seu caráter informativo como secundário; antes de tudo a língua argumenta.

Com isso percebe-se que a narrativa, fenômeno da língua, pode ser compreendida pela Semântica Argumentativa a partir da sua essência argumentativa. Assim, a narrativa antes de informar argumenta, porque a construção do seu sentido dá-se a partir das subjetividades do locutor inscrito no interior do discurso, que guiam a narrativa para uma finalidade.

Essa noção argumentativa da narrativa conduz à idéia de que a sua leitura não é ingênua, ou seja, exige do interlocutor que busque a estrutura argumentativa que subjaz o contar história, resgatando o ou os pontos de vista que constroem o seu sentido argumentativo. Assim, a função do leitor, no papel de interlocutor, é resgatar o sentido produzido pelo locutor no discurso. Esse resgatar do sentido requer que o interlocutor reconheça como o sentido é construído, sentido esse que está vinculado à argumentação inerente ao discurso.

Uma definição de narrativa à luz da Semântica Argumentativa consiste na construção do seu sentido através do lingüístico. De modo que a narrativa, produto de uma enunciação, apresenta em seu discurso marcas da subjetividade do locutor, que constroem o sentido que é, acima de tudo, argumentativo. Com isso, observa-se que para a Semântica Argumentativa a natureza da narrativa é essencialmente argumentativa.

Esse sentido argumentativo da narrativa é construído pelo locutor, através da forma como ele organiza e estabelece as relações semânticas entre as unidades lingüísticas do discurso. Essa noção mostra a importância da relação de interdependência semântica para a formação do sentido argumentativo. Contudo, tal noção evidencia que para a compreensão narrativa é importante que os episódios narrativos, que organizam os acontecimentos entre situações de equilíbrio e de desequilíbrio, não sejam entendidos a partir de uma relação lógica, ou até silogística, mas como uma relação argumentativa.

Com relação à organização interna da narrativa, foi possível observar que há regularidade na construção do sentido argumentativo referente aos níveis narrativos. Porque a trama da narrativa desenrola-se até determinado momento sob um ponto de vista argumentativo, que origina um encadeamento normativo, como o aspecto A DC B. Após essa situação, para que seja possível a narrativa encaminhar-se para um novo equilíbrio, é preciso que outro ponto de vista guie a construção de um encadeamento, transgredindo a norma anterior, através de seu converso A PT neg-B, e por fim o novo equilíbrio é marcado por outro encadeamento normativo, originado por um aspecto A DC B de outro bloco semântico.

Para explicar essa observação, é abordada cada análise em separado, com a finalidade de evidenciar a relação entre os níveis narrativos e os encadeamentos argumentativos. O quadro abaixo apresenta a sistematização dessa relação para o discurso da primeira análise, A incapacidade de ser verdadeiro:

<i>A incapacidade de ser verdadeiro</i>	
Conflito	inventar histórias DC mentir
Força - Desenlace	inventar histórias PT neg-mentir
Equilíbrio Final	inventar histórias DC fazer poesia

Quadro 7 – Estrutura do discurso ‘A incapacidade de ser verdadeiro’

Fonte: O autor (2009)

Observa-se, como foi explorado na análise dessa narrativa, que o ponto de vista que orienta as ações do locutor 1 é a noção de que mentir é errado, e por isso o personagem Paulo é punido. Essa situação de conflito gira em torno, principalmente, da relação normativa entre inventar histórias e mentir: **inventar histórias DC mentir**. Contudo, no momento em que o locutor 2 enuncia o seu ponto de vista sobre o caso de Paulo, ele transgride, através do aspecto converso, o ponto de vista anterior, estabelecendo que para o caso de Paulo não há punição, porque não é mentira, com o encadeamento: **inventar histórias PT neg-mentir**. Esse aspecto converso não nega o suporte da argumentação do locutor 1, nega apenas o aporte, isso faz com que ele possa mostrar uma outra forma de olhar para o comportamento de Paulo, que pode ser traduzida pelo encadeamento: **inventar histórias DC fazer poesia**.

A análise do discurso, *Uma história de Dom Quixote*, apresentou características semelhantes na organização da narrativa entre o equilíbrio e a busca de equilíbrio, conforme se observa no quadro a seguir:

<i>Uma história de Dom Quixote</i>	
Conflito	moinhos DC inimigos para a luta
Força – Desenlace	moinhos PT neg-inimigos para a luta
Equilíbrio Final	episódio dos moinhos de vento DC inventor da roda gigante

Quadro 8 – Estrutura do discurso ‘Uma história de Dom Quixote’

Fonte: O autor (2009)

Nessa narrativa, as duas primeiras partes, que compreendem os momentos em que o locutor aborda o significado do léxico *quixote* e que apresenta a história que Cervantes contava de Dom Quixote, o sentido argumentativo é construído a partir da perspectiva que percebe que o episódio dos moinhos de vento é uma prova de que Dom Quixote é maluco. Por isso, quando Dom Quixote vê os moinhos de vento, observa-se o encadeamento: **moinhos DC inimigos para a luta**. Esse encadeamento expressa a noção de conflito, porque, percebendo a narrativa como um todo, o locutor, ao contar a história sob outra perspectiva, estabelece, primeiramente, a transgressão desse encadeamento. Assim, a última parte dessa narrativa apresenta o mesmo episódio, porém estabelece outra versão da história, que é conduzida por um ponto de vista diferente do primeiro, que expressa que Dom Quixote viu os moinhos, entretanto não os confundiu com gigantes e nem com inimigos de luta, conforme o encadeamento: **moinhos PT neg-inimigos para a luta**. Diante dessa construção de sentido, que através do aspecto converso refuta a argumentação anterior, o locutor restabelece uma norma para o episódio dos moinhos de vento: **episódio dos moinhos de vento DC inventor da roda gigante**. Desse modo, observa-se também, nessa narrativa, a importância da transgressão de uma norma para a trama encaminhar-se para um novo estado equilíbrio.

A terceira análise do *corpus* abordou a narrativa *Meus dois pedidos*. Para demonstrar essa relação entre os níveis narrativos, que vem sendo desenvolvida, apresenta-se o quadro referente a essa análise:

<i>Meus dois pedidos</i>	
Conflito 1	vender a alma DC ter dois pedidos atendidos
Força – Desenlace 1	poderia ter certeza que ele cumpriria PT não tenho certeza que ele vai cumprir
Equilíbrio 1	primeiro pedido DC campeonato para o Internacional
Conflito 2	cumprimento do primeiro pedido DC fazer o segundo pedido
Força – Desenlace 2	segundo pedido PT neg-campeonato para o internacional
Equilíbrio 2 e Conflito 3	segundo pedido DC tornar o Brasil um país escandinavo
Força – Desenlace 2	transformar o Brasil em um país escandinavo PT neg-preservar o lado bom do Brasil
Equilíbrio Final	transformação do Brasil DC depois do carnaval

Quadro 9 – Estrutura do discurso ‘Meus dois pedidos’

Fonte: O autor (2009)

Esse discurso apresenta mais de uma vez a relação entre o conflito e a busca pelo equilíbrio. Primeiramente, o conflito é instaurado quando o locutor relata que recebeu um e-mail do Diabo, buscando pessoas que quisessem vender a sua alma em troca de dois pedidos, conforme o encadeamento: **vender a alma DC ter dois pedidos atendidos**. O locutor, por meio do encadeamento: **poderia ter certeza que ele cumpriria PT não tenho certeza que ele vai cumprir**, transgredir o pressuposto que está na proposta do Diabo, pois ele diz que vai atender a dois pedidos, no entanto, o locutor não confia na honestidade do Diabo. Dessa forma, segundo o locutor, foi-lhe proposto um teste: fazer um pedido de algo que seja completamente impossível. Assim, pediu que o Internacional fosse campeão mundial, **primeiro pedido DC campeonato para o Internacional**. Ao ser atendido a primeira tensão da narrativa é resolvida: o Diabo tem palavra.

O cumprimento desse pedido gera outro conflito, conforme o encadeamento: **cumprimento do primeiro pedido DC fazer o segundo pedido**, pois se faz necessário pensar em outro pedido, que segundo o locutor não poderia ser outro pedido com relação ao Internacional, porque deveria trocar a sua alma pela alegria de todo o país. Esse sentido é construído pelo encadeamento: **segundo pedido PT neg-campeonato para o internacional**. Essa construção de sentido transgredir o seu próprio ponto de vista, que o levou, em um primeiro momento, a querer que o Internacional fosse campeão mundial. Certo de que o seu segundo pedido deva ser outro, o locutor solicita ao Diabo que o Brasil seja transformado em um país escandinavo: **segundo pedido DC tornar o Brasil um país escandinavo**. Nesse momento da narrativa, o locutor estabelece uma situação de equilíbrio

em relação a sua problemática anterior, pois acredita que esse é um bom pedido para todo o país. Entretanto, o Diabo indaga a validade desse pedido, pois apresenta outro ponto de vista do pedido, dizendo que não poderia preservar o lado bom do povo brasileiro: **transformar o Brasil em um país escandinavo PT neg-preservar o lado bom do Brasil**. Diante dessa problemática, o locutor não muda o seu desejo, contudo estabelece um novo equilíbrio para esse dilema, uma vez que solicita que a transformação do Brasil ocorra só depois do carnaval: **transformação do Brasil DC depois do carnaval**.

A última análise, também apresenta a mesma relação entre os níveis narrativos e os encadeamentos normativos e transgressivos, como se apresenta no quadro abaixo:

<i>Tragédia brasileira</i>	
Conflito	novo namorado de Maria Elvira DC mudar de endereço
Força – Desenlace	novo namorado de Maria Elvira PT neg-mudar de endereço
Equilíbrio Final	contínua troca de namorados de Maria Elvira DC matar Maria Elvira

Quadro 10 – Estrutura do discurso ‘Tragédia brasileira’

Fonte: O autor (2009)

Nessa narrativa, até o momento de conflito, as ações são permeadas pela perspectiva que vincula que cada vez que Maria Elvira arruma um novo namorado Misael, junto de Maria Elvira, muda de endereço, conforme o encadeamento: **novo namorado de Maria Elvira DC mudar de endereço**. Essa situação foi levada até um ponto que foi necessário transgredi-la: **novo namorado de Maria Elvira PT neg-mudar de endereço**. Esse novo ponto de vista demonstra a inutilidade das medidas tomadas para cada novo namoro de Maria Elvira. Assim, diante de tal constatação, a nova atitude de Misael é orientada pela perspectiva de que da construção de sentido que vincula a troca de namorados de Maria Elvira a sua morte, como a única solução: **contínua troca de namorados de Maria Elvira DC matar Maria Elvira**.

Assim, para a primeira conclusão possível, que advém da observação das regularidades da interdependência entre os encadeamentos argumentativos que correspondem aos níveis da narrativa que expressam a busca do equilíbrio, pode-se dizer que uma narrativa constitui-se entre um equilíbrio, um desequilíbrio e um novo equilíbrio, sendo esse último diferente do primeiro. Essa noção pode ser explicada pela Semântica

Argumentativa, através da Teoria dos Blocos Semânticos. Assim, é fundamental que o ponto de vista particularizado por um aspecto, por exemplo, A DC B, que subjaz a narração dos fatos até o auge do conflito seja contestado pelo aspecto converso do mesmo bloco semântico, por exemplo, A PT neg-B, viabilizada a que condução final da narrativa seja orientada por uma nova norma, que será construída por um novo bloco semântico, por isso os estados iniciais e finais são distintos.

Essa constatação permitida pelas análises mostra que há indícios para se pensar que no texto estruturado como narrativa pode haver alguma instrução que orienta a busca da relação discursiva conversa para a compreensão do desenlace. Contudo, para que essa afirmação seja constatada, de fato, é preciso que mais análises sejam realizadas.

Outra característica que foi possível perceber com essas análises é a questão de que a narrativa é, antes de tudo, argumentativa. Para elucidar melhor essa reflexão, exemplificase com as análises.

No discurso, A incapacidade de ser verdadeiro, a compreensão da narrativa requer que o leitor recupere os diferentes modos de perceber o comportamento de Paulo. Assim, o leitor deve, a partir das subjetividades marcadas linguisticamente que permeiam a narrativa, refletir acerca da relação entre mentira e poesia, colocada pelos locutores 1 e 2.

O discurso Uma história de Dom Quixote apresenta uma questão semelhante ao da primeira análise, pois a narrativa desse discurso gira em torno das diferentes maneiras de olhar para um mesmo episódio. Contudo, não basta, para tal narrativa, apenas resgatar isso. É preciso perceber o que locutor desconstrói a imagem de Dom Quixote.

Para o discurso Meus dois pedidos, faz-se necessário, após o resgate do sentido construído pelo lingüístico, perceber qual o propósito é argumentado pela narrativa. De modo que o alocutário recupere o sentido há nesse postergar do pedido para depois do carnaval, ou até mesmo pensar acerca da visão de povo brasileiro que é construída.

Por fim, a narrativa Tragédia brasileira requer, para a sua compreensão, que seja percebida a subjetividade do locutor. Assim, o alocutário, a partir da compreensão do ponto de vista que constrói o sentido do discurso, deve refletir acerca das questões morais tanto no que tange o comportamento de Maria Elvira como o de Misael.

Assim, observou-se que, para a compreensão da narrativa, é fundamental que o alocutário resgate as possibilidades interpretativas do discurso narrativo. Isso quer dizer que, diante de uma narrativa, o leitor, tendo consciência de que o escritor instaura locutores

que expressam pontos de vista a respeito de determinado tema, deve resgatar tais pontos de vista e o sentido argumentativo que constroem o discurso. Com isso, o leitor percebe que só se conta uma história, ou só se narra fatos e acontecimentos, para expressar um ou mais pontos de vista, que são argumentativos e que constituem o sentido. Dessa forma, percebe-se que, após a compreensão do sentido argumentativo da narrativa, o alocutário deve assumir a posição de locutor e posicionar-se em relação aos pontos de vista do discurso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito de estudar como a Semântica Argumentativa explica o discurso predominantemente narrativo originou-se na concepção de Ducrot (1983, 1990, 2005) que afirma que todos os discursos são argumentativos, mesmo os que à primeira vista não pareçam ser. Para tanto, buscou-se analisar discursos narrativos, através da Semântica Argumentativa.

Justifica-se a escolha pela proposta da Semântica Argumentativa, porque essa concepção de linguagem preocupa-se com o uso da linguagem. Tanto que considera que a análise de textos e a lingüística devem ser combinadas de modo que uma contribua para o entendimento da outra, da mesma forma que o sistema serve ao uso e o uso serve ao sistema. Nessa perspectiva, a argumentação não é agregada ao sentido, ela constitui o sentido, que por sua vez é construído por uma ordem puramente lingüística. A partir dessa concepção é que se desenvolveu esta dissertação.

Diante do objetivo de estudar a narrativa à luz da Semântica Argumentativa, procurou-se, primeiramente, para compor a fundamentação teórica, estudos acerca da narrativa que contemplasse os seus aspectos lingüísticos. Por isso, recorreu-se à noção de narrativa formulada, com base nas perspectivas estruturalista e enunciativa, de Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) e posteriormente à sistematização da seqüência narrativa de Adam (1992, 2008). Dessa forma, o capítulo referente à fundamentação teórica foi composto, primeiramente, com a apresentação das concepções epistemológicas que alicerçam tanto o conceito de narrativa de Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) quanto a Semântica Argumentativa. Após abordou-se os estudos acerca da estrutura da narrativa de Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) e de Adam (1992, 2008). Por fim, integrou também esse capítulo a concepção de linguagem da Semântica Argumentativa, principalmente os conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos, bem como, no último item, abordou-se a relação entre a Semântica Argumentativa e a noção de narrativa, com o objetivo de traçar alguns fundamentos teóricos que permitem traçar o olhar argumentativo da narrativa.

No capítulo seguinte, analisou-se o *corpus*, composto por 4 (quatro) discursos narrativos, quais sejam: A incapacidade de ser verdadeiro, de Carlos Drummond de

Andrade, *Uma história de Dom Quixote*, de Moacyr Scliar, *Meus dois pedidos*, Luis Fernando Veríssimo, e *Tragédia brasileira*, de Manuel Bandeira. Dessas análises, observou-se que há indícios de que o texto narrativo tenha em sua estrutura instruções e, também, constatou-se os pressupostos da Semântica Argumentativa, observando que a narrativa é, em sua essência, argumentativa.

Com relação aos resultados obtidos, primeiro, observa-se a possibilidade de conter instruções na estrutura narrativa. Assim, considerando que a Semântica Argumentativa tem como objetivo mostrar que a argumentação está inscrita na língua, ou seja, é constitutiva da língua, Ducrot busca descrever semanticamente os enunciados a partir das relações estabelecidas na própria língua, entendendo-a como autônoma em si mesma. Para tanto se apóia nas suas hipóteses internas que concebem o enunciado, encarando a sua materialidade, como a realização de uma frase da língua, dotada de significação.

Desse modo, para Ducrot o que é passível de sistematização da linguagem revela-se na frase e no texto entendidos como constructos teóricos, ou seja, entidades lingüísticas abstratas puramente teóricas que se constituem num conjunto de instruções que subjazem ao uso. Além disso, para Ducrot, as frases/textos e os enunciados/discursos têm valores semânticos distintos, uma vez que as frases/textos compreendem uma significação enquanto os enunciados/discursos compreendem um sentido. Esses conceitos da Semântica Argumentativa são resultados de como as noções entre língua e fala saussuriana são lidas por Ducrot como a relação de reciprocidade entre sistema e uso, ou melhor, entre frase e enunciado, como no exemplo de Ducrot (1980), da relação entre lingüística e análise de texto.

Tendo em vista essas noções de Ducrot, nas análises observou-se que há indícios de que instruções que constituem a significação, constructo teórico, subjazem ao sentido argumentativo da narrativa. As análises apontam para uma possível instrução que conduza o alocutário a buscar na narrativa a relação discursiva entre os aspectos conversos do mesmo bloco semântico e a observação de um novo bloco semântico para a compreensão da noção entre equilíbrio, desequilíbrio e novo equilíbrio da narrativa. Entretanto, ressalva-se que se trata de indícios, porque para que seja afirmada essa possibilidade de instrução da narrativa é imprescindível que sejam feitas mais investigações com maior quantidade de discursos. O *corpus* desta dissertação permite apenas dizer que há indícios da possibilidade de uma instrução, abrindo espaço para futuras investigações acerca desse tema.

Por fim, acredita-se que com esta dissertação foi possível ampliar o conceito de narrativa, formulado por Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b). Isso porque a pressuposição que permeou esta pesquisa, qual seja: a narrativa é antes de tudo argumentativa, foi corroborado. Porém, isso foi possível porque o conceito de Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) acerca da estrutura da narrativa, o qual a entende como resultado de forças que agem para um equilíbrio, um desequilíbrio e um novo equilíbrio, foi lido pelo olhar da concepção de linguagem da Semântica Argumentativa, de Ducrot, o que levou à ampliação de tal conceito.

Assim, esta pesquisa conduz à noção de narrativa como argumentativa, porque acredita que há possibilidades de haver instruções em sua estrutura profunda e porque percebe que a narrativa, por ser constituída pelas subjetividades dos locutores que se marcam no discurso, tem em seu sentido a natureza argumentativa da língua.

REFERÊNCIAS

ABRIOUX, Marielle. Narratología. In: DUCROT, Oswald; SCHAEFFER, Jean-Marie. **Nuevo diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje**. Madrid: Arrecife Producciones, 1998.

ADAM, Jean-Michel. **Les textes: types de discours aux textes**. Paris: Nathan, 1992.

_____. **A lingüística Textual: introdução à análise dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A incapacidade de ser verdadeiro. In: SARMENTO, Leila. **Português: leitura, produção, gramática**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald **L'argumentation dans la langue**. Bruxelles: Pierre Margada Éditeur, 1983.

_____. Argumentatividad e informatividad. In: ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. Madrid: Gredos, 1994.

ALONSO, Covadonga Lopez; OLMOS, Arlette Sere. **Où en est la linguistique?: entretiens avec des linguistes: Antoine Culioli, Oswald Ducrot, Patrick Charadeau, François Rastier, Jean-Paul Bronckart, Maurice Molho, Irène Tamba, Sophie Fisher**. Paris: Didier Érudition, 1992.

AZEVEDO, Tânia Maris de. **Semântica Argumentativa: uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso**. 2003. 135 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

BANDEIRA, Manuel. Tragédia brasileira In: PLATÃO, Francisco Savioli; FIORIN, José Luiz. **Para Entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Cortez, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBISAN, Leci Borges. A construção da argumentação no texto. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 135-147, set, 2002.

BARBISAN, Leci Borges; RORIG, Cristina. A compreensão e a interpretação do discurso na perspectiva Semântico Argumentativa. **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 2009. v. 01.

_____. Por uma abordagem argumentativa da linguagem. In: GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene. **Investigando a linguagem em uso**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

_____. As raízes da Teoria da Argumentação na Língua. In: SILVA, Joseli Maria da; ESPÍNDOLA, Lucienne (orgs). **Argumentação na Língua: da pressuposição aos Topoi**. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

_____. O conceito de enunciação em Benveniste e Ducrot. **Revista Letras**. Santa Maria, n. 33, p. 25-35, jul/dez, 2006.

_____. Uma proposta para o ensino da argumentação. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 111-138, jun, 2007.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa In BARTHES, Roland (org.). **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1976.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BOTH, Joseline Tatiana. **Por uma abordagem enunciativa da leitura no ensino fundamental: o livro didático**. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2001.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos**. Tradução: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n.1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

CAREL, Marion. L' argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 23-40, mar. 1997.

_____. Argumentação interna aos enunciados. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 27-43, set. 2002.

_____. Análise de uma fábula de La Fontaine. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n.1, p. 19-26, jan./mar. 2008.

DELANOY, Cláudio Primo. **Uma definição de leitura pela Teoria dos Blocos Semânticos**. 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DUCROT, Oswald. **Analyse de textes et linguistique de l'énonciation**. In: DUCROT, Oswald. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.

_____. Enunciação. In **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

_____. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad del Valle, 1990.

_____; SCHAEFFER, Jean-Marie. **Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage**. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

_____; SCHAEFFER, Jean-Marie. **Nuevo diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje**. Madrid: Arrecife Producciones, 1998.

_____. Sentido y argumentación. In: ARNOUX, Elvira N.; NEGRONI, María Marta García. **Homenaje a Oswald Ducrot**. Buenos Aires: Eudelba, 2004.

_____. A pragmática e o estudo semântico da língua. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.40, n. 1, p. 9-21, mar. 2005.

_____. Conferencia 1 - Introducción. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Tradução: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. Conferencia 2 - Los bloques semánticos y el cuadrado argumentativo. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Tradução: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. Conferencia 3 - Argumentación interna y argumentación externa. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Tradução: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. Conferencia 4 - Los efectos semánticos de las operaciones sintácticas. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Tradução: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à lingüística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

FREITAS, Ernani César de. **A Teoria da Argumentação na Língua**: blocos semânticos e a descrição do sentido no discurso. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

QUINO. **Toda a Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RÖRIG, Cristina. **A leitura em língua inglesa pela teoria da argumentação na língua**. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. SAUSSURE, Ferdinand. **Cours de Linguistique Générale**. Edição crítica preparada por Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1979.

SCLIAR, Moacyr. Uma história de Dom Quixote In: SOARES, Magda. **Português: Uma proposta para o letramento – Livro 6**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

TODOROV, Tvetzan. **Grammaire du Décaméron**. Paris: Mouton, 1969.

_____. **Estruturalismo e poética**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

_____. As categorias da narrativa literária In: BARTHES, Roland (org.). **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

_____. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979a.

_____. **Poética da prosa**. São Paulo: Edições 70, 1979b.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Meus dois pedidos. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 jan. 2008. Opinião, p.3

ANEXO A – A incapacidade de ser verdadeiro

A incapacidade de ser verdadeiro

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspidando fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço da Lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpidia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o dr. Epaminondas abanou a cabeça:

— Não há nada a fazer, dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. *A cor de cada um*. Rio de Janeiro: Record, 1997.



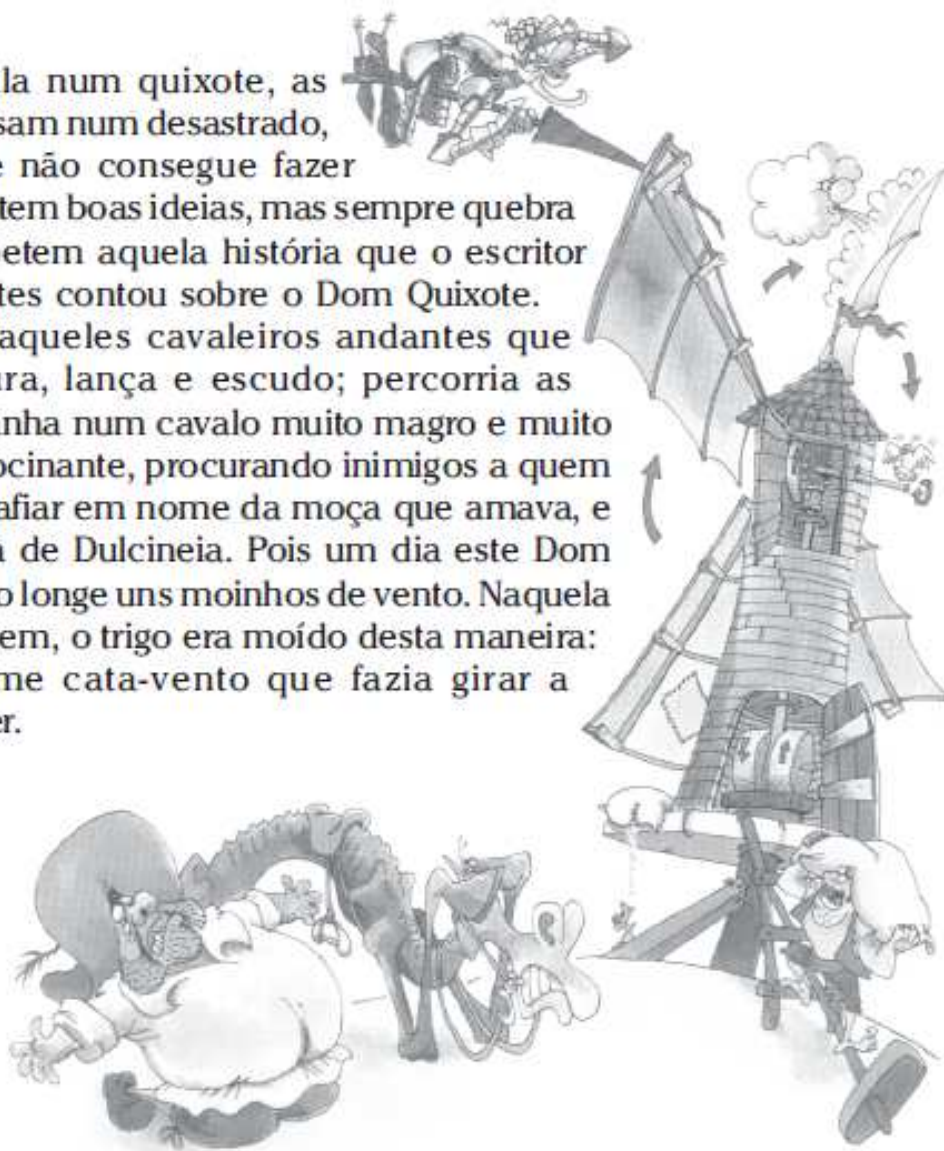
ANEXO B – Uma história de Dom Quixote

Uma história de Dom Quixote

Moacir Scliar

Quando se fala num quixote, as pessoas logo pensam num desastrado, num sujeito que não consegue fazer nada direito; que tem boas ideias, mas sempre quebra a cara. E até repetem aquela história que o escritor espanhol Cervantes contou sobre o Dom Quixote.

Ele era um daqueles cavaleiros andantes que usavam armadura, lança e escudo; percorria as planícies da Espanha num cavalo muito magro e muito feio, chamado Rocinante, procurando inimigos a quem ele pudesse desafiar em nome da moça que amava, e que ele chamava de Dulcineia. Pois um dia este Dom Quixote avistou ao longe uns moinhos de vento. Naquela época, vocês sabem, o trigo era moído desta maneira: havia um enorme cata-vento que fazia girar a máquina de moer.





Pois o Dom Quixote viu, nesses moinhos, gigantes que agitavam os braços, desafiando-o para a luta.

Sancho Pança, seu ajudante, tentou convencê-lo de que não havia gigante nenhum; mas foi inútil.

Dom Quixote estava certo de que aquele era o grande combate de sua vida. Empunhando a lança, partiu a galope contra os gigantes...

O resultado, diz Cervantes, foi desastroso. A lança do cavaleiro ficou presa nas asas do moinho, ele foi levantado no ar e depois jogado para longe. Para Sancho, e para todas as pessoas que ali viviam, uma clara prova de que o homem era mesmo maluco.

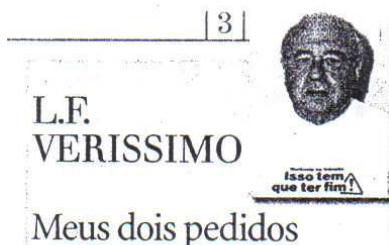
Essa era a história que Cervantes contava. Já meu tatará-tatará-tataravô, que também conheceu o Dom Quixote, narrava o episódio de uma maneira inteiramente diferente. Ele dizia, que, de fato, Dom Quixote viu os moinhos e que ficou fascinado com eles, mas não por confundi-los com gigantes. "Se eu conseguir enfiar minha lança naquelas asas que giram", pensou, "e se puder aguentar firme, terei descoberto uma coisa sensacional."

E foi o que ele tentou. Não deu completamente certo, porque nada do que a gente faz dá completamente certo; mas, no momento em que a asa do moinho levantava o Dom Quixote, ele viveu o seu momento de glória. Estava subindo, como os astronautas hoje sobem; estava avistando uma paisagem maravilhosa, os campos cultivados, as casas, talvez o mar, lá longe, talvez as terras de além-mar, com as quais todo o mundo sonhava. Mais que isso, ele tinha descoberto uma maneira sensacional de se divertir.

É verdade que levou um tombo, um tombo feio. Mas isso, naquele momento, não tinha importância. Não para Dom Quixote, o inventor da roda-gigante.

(Moacyr Scliar é médico e escritor.)

ANEXO C – Meus dois pedidos



Agora posso contar. Fui eu que consegui a vitória do Internacional no campeonato mundial interclubes, no Japão, em 2006. Foi assim. Recebi uma oferta do Diabo pela minha alma. Veio por e-mail, de sorte que nem vi a sua cara. Ele procurava na internet pessoas dispostas a trocar sua alma pelo que quisessem. Respostas para 666@belzebu.com. A pessoa empenhava sua alma ao Diabo, para entregar na saída, e em troca poderia pedir duas coisas. Mas só duas coisas.

Perguntei como eu poderia ter certeza de que ele cumpriria a sua parte no trato. Depois da minha alma empenhada, contrato assinado com sangue etc., ele poderia simplesmente não atender os meus pedidos. Ele propôs que fizéssemos um teste. Que eu pedisse alguma coisa impossível. Que o meu pedido fosse um delírio, algo totalmente fora da realidade. S: ele cumprisse o prometido, eu saberia que sua oferta era para valer. E só então lhe entregaria a minha alma. Concordei.

Qual seria o meu primeiro pedido? Pensei imediatamente no Internacional. Está certo, antes pensei na Luana Piovani, mas aí achei que poderia dar confusão. Em seguida, pensei no Internacional. Um campeonato do mundo para o Internacional! Decisão contra o Barcelona. Sua resposta veio num e-mail conciso:

– Feito.

E foi o que se viu. Vitória sobre o Barcelona contra todas as probabilidades. Inter campeão do mundo. O trato com o Diabo era, por assim dizer, quente. E eu podia fazer meu segundo pedido. Um bicampeonato do mundo para o Inter? Concluí que estava sendo egoísta demais. Estava pensando só na alegria dos colorados – e passageira, pois não poderia pedir vitórias do Internacional em todos os campeonatos, para sempre – e esquecendo o meu país! Deveria pedir, pela minha alma, algo que desse alegria a todos, inclusive gremistas. O quê? Quero que o Brasil se transforme num país escandinavo. Agora! Um país organizado, sem crime, sem fome, sem injustiça, sem conflitos, magnificamente chato. Era isso: minha alma por um país aborrecido!

Foi o que botei no meu e-mail para o Diabo. Ele respondeu perguntando se eu tinha pensado bem no que estava pedindo. Eu deveria saber que a adaptação seria difícil. A conversão da moeda, a língua, o frio, os hábitos diferentes... E que seria impossível preservar tudo o que nos faz simpáticos, e criativos, e divertidos – enfim, brasileiros no bom sentido – sem a bagunça e o mau caráter. Ou ser escandinavo só durante o expediente e brasileiro depois. Era mesmo o que eu queria? E, respondi. Chega desta irresponsabilidade tropical, desta indecência social disfarçada de bonomia, desta irresolução criminosa que passa por afabilidade, deste eterno adiamento de tudo. Faça-nos escandinavos, já!

O Diabo: “Tem certeza? Já?”

Eu: “Bom... Depois do Carnaval”.

ANEXO D – Tragédia brasileira

TEXTO COMENTADO

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade,
 Conheceu Maria Elvira na Lapa — prostituída, com sífilis, der-
 mite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de
 miséria.

5 Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no
 Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela
 queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou lo-
 go um namorado.

10 Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma
 facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael muda-
 va de casa.

15 Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General
 Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês do Sa-
 pucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos
 os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

20 Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sen-
 tidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi en-
 contrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 4. ed.
 Rio de Janeiro, J. Olympio, 1973. p. 146-7.

CURRICULUM LATTES (Plataforma Lattes – CNPq)**Paula Dreyer Ortmann**Curriculum Vitae

Dados Pessoais**Nome** Paula Dreyer Ortmann**Nome em citações bibliográficas** ORTMANN, Paula Dreyer**Endereço eletrônico**e-mail para contato : paulaortmann@hotmail.com

Formação Acadêmica/Titulação

- 2008** Mestrado em Programa de Pós Graduação em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
Título: Por um estudo argumentativo da narrativa
Orientador: Leci Borges Barbisan
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Palavras-chave: Lingüística Aplicada, Lingüística Textual, Sociolingüística
Áreas do conhecimento : Lingüística Aplicada
- 2003 - 2007** Graduação em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
Título: O ensino de língua portuguesa como promoção social
Orientador: Jane Rita Caetano da Silveira
-

Formação complementar

- 2009 - 2009** Curso de curta duração em Argumentação e sentido pela semântica lingüística:
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
- 2009 - 2009** Extensão universitária em Curso de fonética articulatória: curso prático (5).
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
- 2008 - 2008** Curso de curta duração em Entoações: Fonética e Fonologia.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
- 2008 - 2008** Curso de curta duração em Subsídios teóricos e práticos sobre texto e ensino.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil

2007 - 2007	Curso de curta duração em Enunciação, Estrutura e História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
2006 - 2006	Curso de curta duração em A intertextualidade e a formação do leitor. Editora Scipione, RS, Brasil
2005 - 2005	Curso de curta duração em 2º Congresso Internacional sobre Projetos na Educ. Futuro Congressos e Eventos, FCE, Brasil
1999 - 1999	Yázigi Internacional Intercultural Program. Yázigi Language Study Center, YLSC, Estados Unidos <i>Palavras-chave: English Language, Internacional Education</i>

Atuação profissional

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC RS

Vínculo institucional

2008 - Atual	Vínculo: Bolsista CNPQ, Enquadramento funcional: Mestranda, Carga horária: 20, Regime: Dedicção Exclusiva
2003 - 2004	Vínculo: Bolsista, Enquadramento funcional: Aluna, Carga horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

2008 - 2010	Projetos de pesquisa, CNPq <i>Participação em projetos: A compreensão do sentido expresso pelo lingüístico no discurso</i>
2008 - Atual	Projetos de pesquisa, CNPq <i>Participação em projetos: Grupo de Estudos sobre a Argumentação no Discurso</i>
03/2003 - 07/2004	Projetos de pesquisa, Pós Graduação Em Letras Teoria da Literatura, Centro de Referência Para o Desenvolvimento da Linguagem <i>Participação em projetos: Formaçãodo Leitor-Professor/Aluno de Literatura</i>

2. Centro de Integração Empresa Escola do RS - CIEE - RS

Vínculo institucional

2006 - 2007	Vínculo: Celetista, Enquadramento funcional: Auxiliar Administrativo e Professora, Carga horária: 30, Regime: Parcial
2004 - 2006	Vínculo: Estágio, Enquadramento funcional: Estagiária, Carga

horária: 30, Regime: Parcial

Projetos

2008 - Atual Grupo de Estudos sobre a Argumentação no Discurso

Descrição: A linha de pesquisa tem por objetivo desenvolver estudos sobre a leitura de textos escritos, tendo em vista o sentido produzido no discurso. Os estudos são fundamentados na Lingüística do Texto, na Teoria da Enunciação de Benveniste e principalmente na Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Integrantes: Leci Borges Barbisan (Responsável); Cláudio Primo Delanoy; Alessandra da Silveira Bez; Cristiane Dall'Corvivo; Cristina Rorig; Joseline Tatiana Both; Mariana Martinez Rypl; Noemi Luciane dos Santos; Paula Dreyer Ortmann.

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC RS

2008 - Atual A compreensão do sentido expresso pelo lingüístico no discurso

Descrição: O tema deste projeto é a leitura, entendida à luz da Teoria da Argumentação na Língua. Como teoria semântico-lingüística, a proposta de Ducrot entende que a relação entre palavras e frases e a consideração de um sujeito falante, que se enuncia para seu interlocutor, são as principais responsáveis pela construção do sentido. Tem-se, então, como objetivo definir leitura de acordo com conceito da Teoria da Argumentação na Língua e, com isso, espera-se compreender quais seriam as leituras possíveis e quais as não possíveis num texto. Como metodologia de trabalho, serão promovidos estudos e discussões em torno de livros e artigos que tratam da Teoria e, a partir desses estudos, espera-se chegar a uma conceituação de leitura e de seus possíveis limites de interpretação.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Integrantes: Leci Borges Barbisan (Responsável); Cláudio Primo Delanoy; Alessandra da Silveira Bez; Cristiane Dall'Corvivo; Cristina Rorig; Joseline Tatiana Both; Mariana Martinez Rypl; Noemi Luciane dos Santos; Paula Dreyer Ortmann

Financiador(es): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC RS

2003 - 2004 Formação do Leitor-Professor/Aluno de Literatura

Descrição: Trata-se de projeto que visa à formação do leitor de escolas de ensino básico, simultaneamente à sensibilização dos professores como leitores e à implementação de estudos acerca da metodologia de ensino. O projeto desenvolve propostas metodológicas de ensino da literatura numa abordagem teórico-prática, já que conta com a participação efetiva e contínua de professores e de alunos selecionados, que comparecem às dependências do Centro de Referência para o Desenvolvimento da Linguagem.

Situação: Concluído Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (3); Especialização (0); Mestrado acadêmico (1); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (0);

Integrantes: Maria Tereza Amodeo (Responsável); Caetano Bueno Manenti; Cristiani Basso Fernandes; Henry Daniel Lorencena; Paula Dreyer Ortmann

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq

Áreas de atuação

1. Letras
 2. Lingüística Aplicada
-

Idiomas

- | | |
|-----------------|---|
| Inglês | Compreende Bem, Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem |
| Espanhol | Compreende Bem, Fala Razoavelmente, Escreve Razoavelmente, Lê Bem |
| Francês | Compreende Pouco, Lê Pouco |
-

Prêmios e títulos

- | | |
|-------------|--|
| 2004 | Destaque no V Salão de Iniciação Científica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul |
|-------------|--|

Produção em C, T& A

Produção bibliográfica

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. BEZ, Alessandra, ORTMANN, Paula Dreyer
O valor polifônico de “ainda” no discurso In: VIII Celsul, 2008, Porto Alegre.
Anais do VIII Celsul. Pelotas: EDUCAT, 2008.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. ORTMANN, Paula Dreyer
A argumentação na construção do sentido em diferentes gêneros discursivos In: IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação, 2009, Porto Alegre.
IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação. , 2009.

Palavras-chave: Lingüística Aplicada, Lingüística Textual

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: [http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Letras/72154-PAULA_DREYER_ORTMANN.pdf]

2. BARBISAN, Leci Borges, ORTMANN, Paula Dreyer, LINHARES, C., BEZ, Alessandra da Silveira, DELANOY, Cláudio, DALL'CORTIVO, BOTH, Joseline Tatiana, RYPL, Mariana Martinez, SANTOS, Noemi Luciane, RORIG, Cristina
Por uma compreensão lingüística do discurso In: II Seminário Integrado Nacional das Linguagens: Linguagens: manifestações do social, 2009, Porto Alegre.
II Seminário Integrado Nacional das Linguagens: Linguagens: manifestações do social, Caderno de resumos. , 2009.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

3. ORTMANN, Paula Dreyer

Um olhar sociolingüístico do ensino de língua materna In: II Seminário Integrado Nacional das Linguagens: Linguagens: manifestações do social, 2009, Porto Alegre.

II Seminário Integrado Nacional das Linguagens: Linguagens: manifestações do social, Cadernos de resumos., 2009.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

4. ORTMANN, Paula Dreyer

A noção de relação na construção de sentido do texto In: III Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação, 2008, Porto Alegre.

III Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: [http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IIImostra/Letras/63050%20-%20PAULA%20DREYER%20ORTMANN.pdf]

5. BEZ, Alessandra, ORTMANN, Paula Dreyer

O valor polifônico de "ainda" no discurso In: VIII CELSUL, 2008, Porto Alegre.

Programação e resumos do VIII Celsul. Pelotas: EDUCAT, 2008.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Apresentação de Trabalho

1. BARBISAN, Leci Borges, ORTMANN, Paula Dreyer, LINHARES, C., BEZ, Alessandra da Silveira, DELANOY, Cláudio, DALL'CORTIVO, BOTH, Joseline Tatiana, RYPL, Mariana Martinez, SANTOS, Noemi Luciane, RORIG, Cristina

Por uma compreensão lingüística do discurso, 2009. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

2. ORTMANN, Paula Dreyer

Um olhar sociolingüístico do ensino de língua materna, 2009. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português.

3. BEZ, Alessandra da Silveira, ORTMANN, Paula Dreyer

O valor polifônico de "ainda" no discurso, 2008. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Cidade: Porto Alegre; Evento: VIII Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul (CELSUL); Inst.promotora/financiadora: CELSUL

4. ORTMANN, Paula Dreyer

O ensino de língua portuguesa como promoção social, 2006. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro; Local: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Cidade: Porto Alegre; Evento: VI Semana de Letras; Inst.promotora/financiadora: Faculdade de Letras

5. AMODEO, Maria Tereza, CHACON, J. C., RIEGER, M., ORTMANN, Paula Dreyer

Projeto Muita Prosa e Muito Verso, 2004. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Cidade: Porto Alegre; Evento: IV Semana de Letras: ler, dizer e fazer acontecer; Inst.promotora/financiadora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

6. AMODEO, Maria Tereza, CHACON, J. C., RIEGER, M., ORTMANN, Paula Dreyer

Muita prosa muito verso, 2003. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

7. AMODEO, Maria Tereza, FERNANDES, Cristiani Basso, LORENCENA, Henry Daniel, MANENTI, Caetano Bueno, ORTMANN, Paula Dreyer

Formação do Leitor - Professor/Aluno de Literatura, 2005. (Outra,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Universidade Estadual do Ceará; Cidade: Fortaleza; Evento: 12ª Jornada Nacional de Iniciação Científica - 57ª Reunião anual da SBPC; Inst.promotora/financiadora: SBPC

8. AMODEO, Maria Tereza, FERNANDES, Cristiani Basso, LORENCENA, Henry Daniel, MANENTI, Caetano Bueno, ORTMANN, Paula Dreyer

Formação do Leitor - Professor/Aluno de Literatura, 2004. (Outra,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Cidade: Porto Alegre; Evento: V Salão de Iniciação Científica; Inst.promotora/financiadora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

9. AMODEO, Maria Tereza, ORTMANN, Paula Dreyer, LORENCENA, Henry Daniel, FERNANDES, Cristiani Basso, MANENTI, Caetano Bueno

Projeto formação do Leitor - Professor/Aluno de Literatura, 2004. (Outra,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Cidade: Porto Alegre; Evento: XVI Salão de iniciação científica; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

10. AMODEO, Maria Tereza, CHACON, J. C., RIEGER, M., ORTMANN, Paula Dreyer

Relato do Projeto Muita Prosa e Muito Verso, 2004. (Outra,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Cidade: Porto Alegre; Evento: I Encontro Longevidade - II Encontro de Centenários de Porto Alegre; Inst.promotora/financiadora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Produção Técnica

Demais produções técnicas

1. ORTMANN, Paula Dreyer

Por uma perspectiva lingüística na alfabetização, 2009. (Outra produção técnica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro Faculdade Vizinhança do Iguazu (VIZIVALI). Dois Vizinhos, PR.

Eventos

Participação em eventos

1. **VIII Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul - CELSUL**, 2008. (Encontro)

2. **Alfabetizar: encantar o mundo pela palavra - curso prático de formação do leitor**, 2007. (Outra)

3. **XXV Seminário braileiro de crítica literária e XXIV Seminário de crítica do Rio Grande do Sul**, 2007. (Seminário)

4. **Alfabetizar: encantar o mundo pela palavra - Práticas de leitura e escrita: didáticas possíveis**, 2007. (Outra)

5. **Alfabetizar: encantar o mundo pela palavra - Alfabetização: uma nova abordagem a partir da lingüística**, 2007. (Outra)

6. **Alfabetizar: encantar o mundo pela palavra - oficina de contação de histórias**, 2007. (Outra)

7. **XIII Encontro Estadual de Redação no Vestibular**, 2007. (Encontro)

8. **XIII Encontro estadual de redação no vestibular**, 2007. (Encontro)

9. Apresentação Oral no(a) **VI Semana de Letras**, 2006. (Outra)
O ensino de língua portuguesa como promoção social.

10. **III Encontro ensinando línguas: como e por quê?**, 2006. (Encontro)
11. **3º Encontro de Formação das Professoras de Alfabetização de Adultos**, 2006. (Encontro)
12. **A intertextualidade e a Formação do Leitor**, 2006. (Oficina)
13. **57ª Reunião Anual da SBPC**, 2005. (Outra)
14. **1º Encontro de Formação das Professoras de Alfabetização**, 2005. (Encontro)
15. **2º Congresso Internacional sobre Projetos na Educação**, 2005. (Congresso)
16. Apresentação (Outras Formas) no(a) **Projeto Recreare**, 2004. (Outra)
Monitora do Projeto Recreare.
17. **Fórum Regional de Educação de Jovens e Adultos**, 2004. (Outra)
18. **IV Semana de Letras: ler, dizer e fazer acontecer**, 2004. (Outra)

Totais de produção

Produção bibliográfica

Trabalhos publicados em anais de eventos.....	6
Apresentações de Trabalhos (Comunicação).....	6
Apresentações de Trabalhos (Outra).....	4

Produção Técnica

Outra produção técnica.....	1
-----------------------------	---

Eventos

Participações em eventos (congresso).....	1
Participações em eventos (seminário).....	1
Participações em eventos (oficina).....	1
Participações em eventos (encontro).....	6
Participações em eventos	

(outra).....

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)